

Prof. Lima

ILUSTRAÇÃO



A N O
- 5.º -

Lisboa, 1 de Novembro de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
- 117 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V
E
R
A
M
O
N

60334604

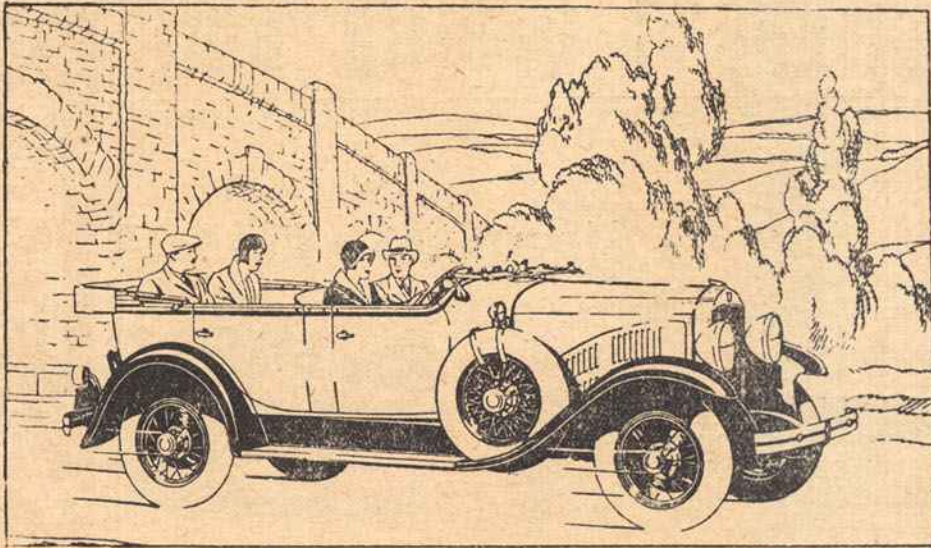


Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bem-estar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

REO*



Os proprietários de um REO disfructam de um bom funcionamento e de grande commodidade

O magnífico funcionamento do REO é muito apreciado pelos seus proprietários porque vae acompanhado de outras qualidades não menos desejáveis, como sejam: grande commodidade, economia e longa duração.

Os automoveis REO estão provistos de molas largas e flexíveis e os seus assentos são excepcionalmente largos e offerecem amplo espaço para as pernas, factores estes que contribuem para tornar agradáveis todas as viagens, por muito longas que sejam.

** REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria automobiliz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e actual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.*

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.
 Avenida da Liberdade, 165-171
 LISBOA :: Telf. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
 194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

REO MOTOR CAR



COMPANY - LANSING

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30 — LISBOA

TRICROMIA

DESENHO

TRABALHOS DE
GRANDE ARTE

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS
GRATIS

**SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -**

E' nas oficinas desta
Sociedade que se im-
primem todos os be-
los trabalhos grá-
ficos de

Ilustração

Magazine Bertrand

O Volante

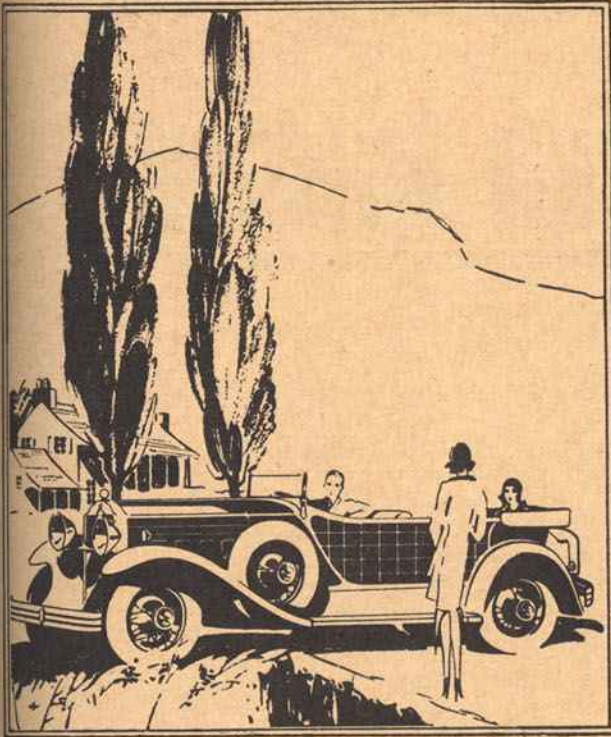
**Historia da Litera-
tura Portuguesa
(Ilustrada)**

**O Comercio
Português**

Almanach Bertrand

As mais modernas insta-
lações do paiz e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem ~ ~ ~

**COMPOSIÇÃO
MECANICA**



WILLYS KNIGHT

O mais
distinto
carro
de 1930

SIMAL

4, Rua Serpa Pinto

(Ao Chiado)

LISBOA

Experimente-a Senhora!



Poucas são as sobremesas que, como esta, mereçam a aprovação de todos.

Eis uma receita maravilhosa, de preparo fácil e de sabor incomparável. Para experimental-a basta que V. S. tenha:

3 colheres de Maizena Duryea, 1/4 litro de leite
1/2 Taça de Açúcar pulverizado, 5 ovos

Separar-se as 5 gemas que se batem com 6 colheres de açúcar. Adicione-se a Maizena Duryea dissolvida num pouco de leite frio. Junte-se o resto do leite e deixe-se a ferver por cinco minutos em banho-maria.

Unte-se uma fôrma com caramelo na qual se deita a mistura, e leve-se a forno moderado por meia hora. Retire-se em seguida do forno, deixe esfriar e cubra com merengue, preparado à parte com as cinco claras. Torne a collocar no forno até conseguir uma côr dourada.

A receita que descreve e ilustra em côres este optimo "Pudim Surpresa" faz parte do livro de receitas culinarias da Maizena Duryea, que enviamos gratuitamente a quem nol-o pedir. Mande-nos hoje mesmo o seu nome e endereço e pela volta do correio receberá um exemplar deste precioso livrinho.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115 — LISBOA



Nome _____

Rua e No. _____

Cidade _____

MAIZENA DURYEA

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

Últimos volumes publicados :

MANUAL DO FERREIRO
 Nova edição 13500

ELEMENTOS DE PROJECCÕES
 Nova edição 16500

FISICA ELEMENTAR
 2.ª edição 14500

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL
 6.ª edição, revista e ampliada 16500

Outros volumes recentes :

MANUAL DO TORNEIRO E FREZADOR MECANICOS
 Nova edição 13500

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS
 Nova edição, actualizada 30500

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE
 2.ª edição 40500

No prelo:

VOCABULÁRIO TÉCNICO
 e outros volumes

Dirigir pedidos às

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
 Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA



O Prestigio do "Sal de Fructa" ENO

Ha mais de sessenta anos que o "Sal de Fructa" ENO conquistou definitivamente a sua reputação universal. Graças ás suas propriedades suavemente laxativas, o ENO exerce uma acção benéfica no estomago e no figado, sendo o remedio mais eficaz para corrigir e fazer desaparecer as perturbações do aparelho digestivo. É o melhor preservativo contra a enxaquecas, azias, flatulencia, provenientes das más digestões habituais. O ENO é util a todos, e todos - creanças e velhos - o podem tomar.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.



ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento HIDRO-MINERAL e FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de Agua Termal — Banhos de Agua do Mar, quentes — Banhos Carbo-Gasosos. — Duches — Irrigações — Pulverisações — Etc.

Fisioterapia: Luz — Calor — Electricidade Medica — Raios Ultra-Violetas — Diatermia — Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS
CONSULTA MÉDICA: 9 ás 12

Telefone: E. 72

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulado KURLASH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o *Fard Rodal* Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte-americanos. Transforme as suas pestanas em forjas e longas com os produtos **VILDIZIENNE** e ondule-as com **KURLASH**. Use na toilette da noite. *Cremente* Massagem *Ratna da Hungria* e da toilette diaria, Agua, *Cremente*, Rouge e Po d'Arroz da grande marca *Ratna da Hungria*, 4 amostras em mão 10\$ pelo correio. 10\$ que embeleza

Rejuvenesce. E emiza a mocidade!

Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

ACABA DE APARECER

Biblioteca dos Pequenininos

N.º 32

O prefinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Com illustração de **ILBERINO DOS SANTOS**

Engraçada e educativa historieta, em que se narram aventuras de dois meninos, o Jubim e o Nini, um preto e outro de raça branca. Sete são os capitulos desse pequeno e encantador romance para as crianças dos 8 aos 12 anos lerem.

Preço: 5\$00

A' venda na *Filial do Diário de Noticias*, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 e em todas as Livrarias

"EVA," Uma linda **capa**

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página central — Os mais lindos figurinos

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: Artigos, Crônicas, Critica literária, Conselhos e alvites, Culinária

MAGAZINE
BERTRAND

**CONTINUA A MANTER
 A SUA SUPREMACIA**

LEIAM O NÚMERO DE NOVEMBRO

**Aos Estudantes dos Liceus
 e aos Professores**

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Marianas |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$50

À venda na Filial do «Diário de Notícias, Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10\$00**
 Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á venda em todas as livrarias

32.º — ANO — 1931

PEDIDOS AOS EDITORES:
 LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



NALLY

MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAIS DE NALLY

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarias, mercearias, etc., e por grosso na

Shell Company of Portugal, Limited

RUA DO CRUCIFIXO N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Provisão)

Telef. : 2 1467

EDITOR : Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 117

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
&
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : 2 3132

1 DE NOVEMBRO DE 1930

O 2.º CENTENÁRIO DA SAGRAÇÃO DA BASÍLICA DO CONVENTO DE MAFRA



AO ALTO, À DIREITA — O SR. CARDEAL PATRIARCA LANÇANDO A BENÇÃO

À ESQUERDA — AS TÔRRES DOS FAMOSOS CARILHÕES

EM CIMA — UM ASPECTO DA MULTIDÃO

À ESQUERDA — O POVO EM FRENTE DA IGREJA NO INÍCIO DA CERIMÓNIA

NO MEDALHÃO — O SR. CARDEAL PATRIARCA TENDO À DIREITA O SR. CONDE DE MAFRA



CRONICA DA QUINZENA

Regressando à primeira inclinação, em coincidência, aliás, com o gosto de exotismo que predomina na literatura francesa actual, o senhor Claude Farrère elegen Lisboa para caixilho do seu novo livro. Devemos-lhe essa graça. Podíamos ter pior sorte, pois que os homens de letras de França se repartiram o mundo para campo de aventuras novelescas. O senhor Claude Farrère é, a cada página, amável e agradecido, tons de rosa êstes de pouco efeito na arte literária. Se tivéssemos caído em partilha a Paul Morand ou Matherlant, êles que empregam o carvão por diante de óculos pretos, teria sido a catástrofe... uma desgraça nacional. Nada irrita mais o português que vê-se menoscabado ou diminuído na letra redonda internacional. A nossa epiderme enrugase como a sensitiva quando algum *globe-trotter* das letras ou do jornalismo se permite dizer que o nesso sol tem, por vezes, tachas, as nossas glórias não são superiores às dos outros povos, certas das nossas mulheres têm bigode, como escorregou em escrever há anos um gazetilhinho napolitano. Dentro de portas aceitamos uns dos outros tôda a espécie de ignomínias e dislates, além fronteiras somos mais pundonorosos que Cirano. É esta uma virtude respeitável que os nacionalistas se têm esquecido de catalogar no tombo da raça e que me arrojio a erguer na ponta do meu humilde alfinete.

Tendo-se, portanto, derramado pelo vasto mundo os escritores franceses à caça, se não da emoção nova, de ambiente inédito, o senhor Claude Farrère enveredou para Portugal. A guerra ensinou-lhes, bem como aos franceses em geral, a geografia. Depois, Paris e o resto da França era um limão espremido; espremido desde o romantismo de Victor Hugo ao pretense romance psicológico de Bourget. Eram implacavelmente galocêntricas as gerações literárias do passado. Paris era o umbigo do universo e figurino universal o parisiense; o resto, acessório, salvo a Espanha, sorte de minas do Rand, em diamantes pretos, para a literatura. Os modernos tomaram direcção oposta. Não está averiguado que houvesse entre êles um tra-

tado de divisão de terras como em Tordesilhas. Cada um meteu a mão no cabaz, ou melhor, cada um pôs o dedo no mapa-mundi e tirou o seu feudo. Estabelecer a nomenclatura e natureza de tal soberania equivaleria voltar a escrever o livro de Marco Polo. Bastará referir que até as Ilhas Fidji encontraram suzerano. Os menos gulosos e menos dados à longínqua ambulação contentaram-se com os velhos e usados países da Europa. Para cada nação, um piquete. A Rússia, apenas, se bem que a terra mais discutida dos três continentes e pano largo de crítica, tem escapado ao avassalamento do romance francês. Porque seja temerário ir forragear em domínio tão profundamente explorado por uma literatura insuperável no sentimento da vida e na intensidade dramática? Porque seja na sua fase política uma espécie de Tibet vedado ao literato burguês? Por *Jas* ou *nefas* os escritores, salvo Kessel, que nas *Nuits Sibiériennes* debuxou o quadro de Vladivostoque, raia do Oriente moscovita, alhearam-se das Repúblicas Soviéticas, como se tinham alheado de Portugal antes do advento, seródio para a moda, do senhor Claude Farrère. Está-se a vêr êste novelista, que gosa de bom crédito no seu meio, divagar mentalmente através do atlas: «Onde diabo farei assentar arraiais às personagens do livro novo que o livreiro, os meus dez a vinte mil leitores, os meus interesses me requerem? A Turquia, o Japão, a Indo-China são para mim vinha vindimada; pouco sumo a extrair. Eureka, e esta fita à beira extrema da Europa, batida das ondas, alumiada de luz pura, onde floresce a laranjeira e canta o rouxinol, ao que se depreende das gazetas à procura do seu caminho, cheia de heróis semi-fabulosos, os *Ruiz*, os Magalhães, os Gama?»

O senhor Claude Farrère, que habita uma boa parte do ano a Terra Bêsea, a menos de

vinte e quatro horas de Lisboa, fez as suas malas e embarcou no *Sud*. A cidade recebeu-o com o melhor sol, os portugueses com extremos de bizarria. Peregrinou pelos bairros pitorescos, a Alfama triste e desolada, a Mouraria bacântica, contemplou os seus panoramas deslumbrantes, visitou Sintra e Monserrate e, depois de copiar para a carteira com a máxima fidelidade possível, atraçoada de quando em quando, (Miguez!) os nomes das ruas e da patronímica, julgou-se habilitado a compôr um romance com a cor, o ambiente e figurantes portugueses. A parte a intenção que é de enternecer, o senhor Claude Farrère fez uma obra do arco da velha. Pintou a cidade? Não, esboçou uma pálida *pochade*. De raro em raro, da pena, que nas *Petites Alliées* traçou o quadro magistral de Toulon, salta a nota justa, mas dessa fanfarras que é Lisboa com as casas azulejadas multicolores, os seus mil planos de bebedeiro para o rio, não soube tirar os acordos dignos. Desenha tipos de portugueses? Tão pouco. As suas personagens, quando não são *marionnettes* de que se enxergam a olho nu os cordeis que as movem, são de tôda a parte, o que é o mesmo que dizer que não são de parte nenhuma. Condição ao menos a efabulação com a vida, o clima moral português? Muito menos. A acção de *Le Chef* rôda em tôrno duma revolta suscitada pelos Bolchevistas, que nunca foram vistos nem achados em Portugal, por em nada servir às suas manobras êste tablado. Que fica do livro que mereça o reconhecimento dos portugueses? A boa vontade do autor; o seu escrúpulo na grafia local. Claude Farrère vai até criar o til, que não existe nos caixotins franceses, para *coiffer* o ditongo ão da sua figura central, Vasco Ortigão. Fica mais o diploma que reiteradamente nos confere de cortezes e a amabilidade se não a benignidade com que observou os breves retalhos da terra lusitana. A obra, porém, do autor de *Fumées d'opium* e *Civilisés* não conta mais uma joia, nem, parece-nos bem, o romance francês de aventuras.

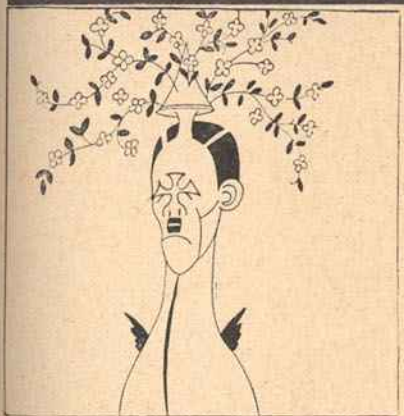
ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSAO DE CENSURA

AQUILINO RIBEIRO

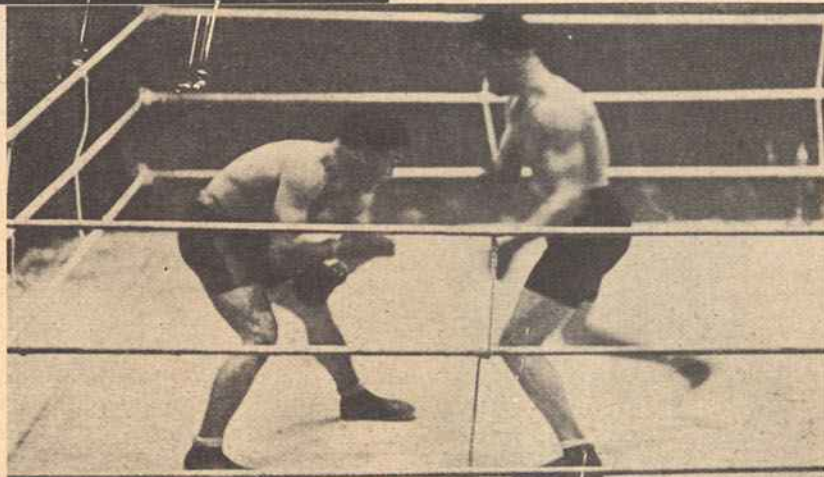
POR ESSE MUNDO



Recepção oferecida, no dia 5 de Outubro, no Club Uruguay (Montevideo), pelo ministro plenipotenciário de Portugal, dr. Ferreira de Almeida e ex.^{ta} esposa, às autoridades e corpo diplomático, comemorando o aniversário da proclamação da República. Vê-se o ministro de Portugal entre o ministro dos Estrangeiros, presidente do Ministério e ministro da Guerra.



Hitler, o homem que amedrontou a Alemanha e o Mundo, o antigo aventureiro hoje aspirante a chefe supremo, visto por Bagaria



Um magnífico momento do combate Paolino-Griselle, em Paris, em que o pugilista vasco (à esquerda da foto) venceu o campeão da Europa.

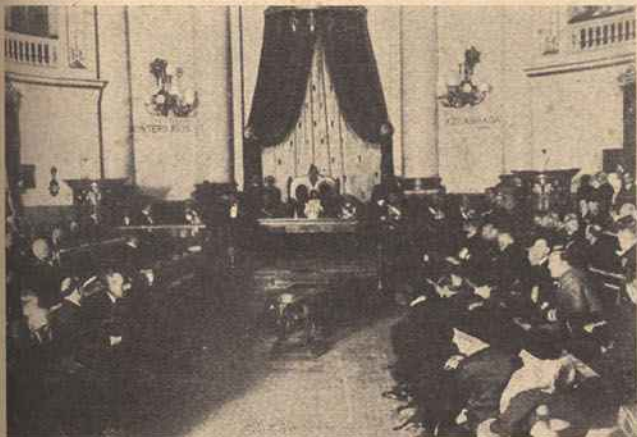


À ESQUERDA—Chegada a Madrid do celeberrimo maestro espanhol Jacinto Guerrero, que regressa da America do Sul onde, com as suas populares obras ganhou uma fabulosa fortuna.

EM BAIXO, à esquerda—O Salão Nobre do Palacio do Senado, de Madrid, no momento da inauguração do IV Congresso Internacional de Sciencias Administrativas, reunido agora na capital espanhola.

EM BAIXO, à direita—O infante D. Afonso, representando o rei de Espanha, presidindo ao Congresso Internacional de Sciencias Administrativas, reunido em Madrid.

(Fotos Orrion; especiais para «Ilustração».)





O dr. Júlio Prestes, presidente eleito do Brasil, que devia tomar posse no próximo dia 15. Os revolucionários, triunfantes, decidiram o contrário...



O dr. Washington Luís, que se recusou a resignar ao seu cargo de Presidente da República Brasileira, apesar do triunfo dos revoltosos



O dr. Antônio Carlos, ex-presidente do Estado de Minas Gerais e um dos principais elementos dirigentes do movimento revolucionário



Almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha demitido pelos revolucionários



O general Mena Barreto, que em nome da guarnição do Rio de Janeiro enviou um ultimatum ao governo legal, forçando-o a demitir-se



O aviator Jimenez, detido em Espanha por transgressão aos regulamentos militares, em virtude de ter publicado no A. B. C. uma carta plena de afirmações monárquicas (Foto Orríos.)



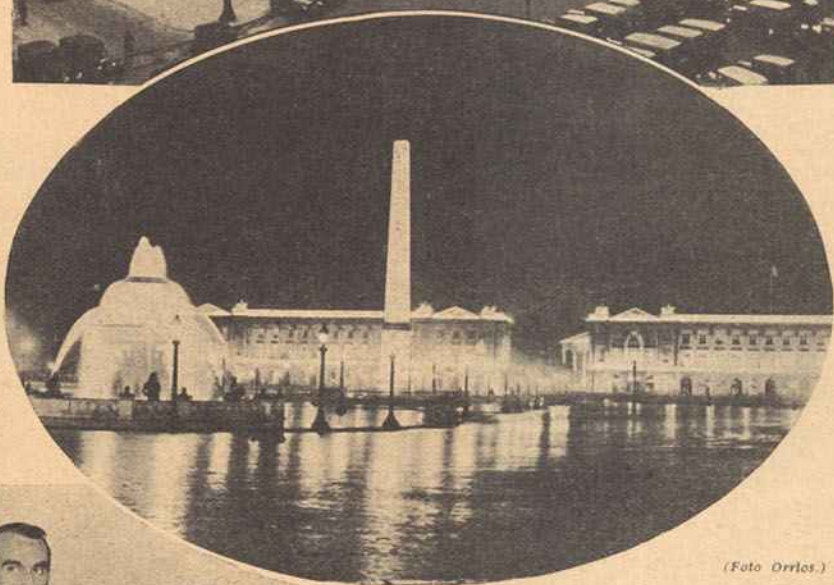
Um dos últimos retratos de Diaz de Mendonza, marido de Maria Guerrero, que foi grande de Espanha e um notável actor, recentemente falecido (Foto Orríos.)



O dr. Getúlio Vargas candidato ao lugar de presidente da República, vencido nas últimas eleições, e que comandou as tropas revoltadas do Rio Grande do Sul



O glorioso aviator Ramon Franco, detido em consequência de ter publicado nos jornais uma carta afirmando as suas convicções republicanas e o seu desajo de ver mudadas as instituições em Espanha (Foto Orríos.)



(Foto Orrios.)

EM BAIXO, à direita — A Festa da Uva em Roma. O característico desfile através das ruas da Cidade Eterna.



AO ALTO, na oval — A viúva do grande poeta da Provença, Frédéric Mistral, recentemente agraciada com a Legião de Honra. À direita — O Grand Palais, no dia da vernissage do XXIV Salon International do Automóvel, de Paris.

EM CIMA — Na exposição de pelarias, efectuada em Paris, appareceu um grande industrial de sapataria exibindo o maior par de botas até aqui manufacturado, como pode ver-se na gravura acima.

NO MEDALHÃO — A praça da Concórdia febrilmente iluminada, a quando da realização do Salon do Automóvel.

AO CENTRO — Os aviadores espanhóis Haya e Ciriaco Rodriguez que bateram ultimamente o record do vôo em circuito fechado, de que eram detentores os franceses.



No medalhão — Sofia Thomas, a primeira mulher que obteve do Ministério das Comunicações da Alemanha o diploma de aviadora profissional e piloto um avião de carreiras

A ESQUERDA — As girls de music-hall podem ser, simultaneamente, raparigas honestas. Assim o entendem, também, os próprios pastores protestantes, que ao contrário do que sucederia a muita gente presunçosa, não desdenham de com elas viver em comum nos seus foyers, onde realizam, a miúdo, prédicas religiosas



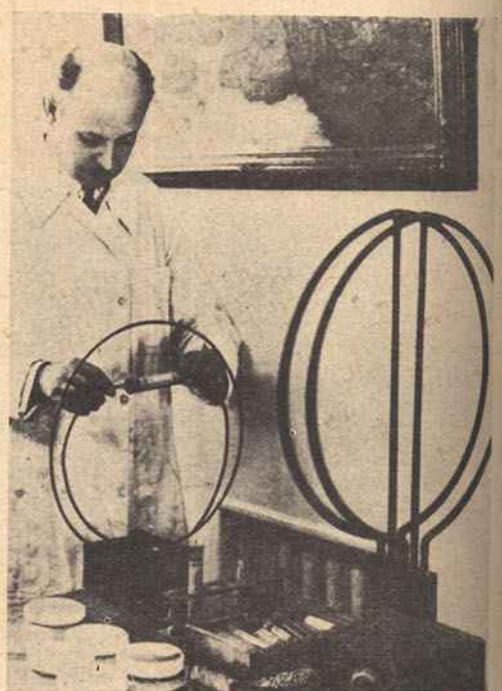
O sábio alemão Paulo Ehrlich, que, há vinte anos, se celebrizou descobrindo o «Salvarsan». Na gravura vê-se o eminente sifilógrafo no seu gabinete de trabalho



EM CIMA — O general alemão Kundt, organizador do exército da Bolívia, expulso deste país devido aos acontecimentos revolucionários que determinaram a queda do presidente Siles. Foto tirada na Alemanha, em que o fugitivo está com sua esposa e filha



A ESQUERDA — Na Batte Montmartre, próximo do Sacré-Coeur, encontra-se a estátua do Cavaleiro La Barre, suplicado, há dois séculos, por se ter recusado a tirar o chapéu a uma procissão. O seu gesto, que lhe valeu uma morte ignominiosa, contribuiu, mais tarde, para o engrandecer e imortalizar como uma vítima da intolerância



A DIREITA — O professor Lakhoski, que se tem destacado na luta contra o cancro, afirma que as cebolas exercem uma acção eficaz no tratamento daquela terrível enfermidade. Na fotografia vê-se o famoso sábio, no seu laboratório, preparando um soro com a intervenção dos seus célebres circuitos oscilantes

(Fotos Orrios, excl. de Ilustrações)

QUINZENA DESPORTIVA

Com o decair do Outono e a aproximação do Inverno, movimenta-se o meio desportivo pelo recomeço das pugnas dos jogos em campo, muito principalmente do football. O campeonato de Lisboa está em plena marcha e preparamo-nos já para as primeiras lutas internacionais. A época deve revestir em Portugal uma importância inculgar, pois três serão as seleções nacionais que acolheremos em nossos campos: espanhola, belga e italiana. O facto reveste-se para nós de séria responsabilidade, pois adquirimos por essa Europa a fama de invencíveis, ou quasi, em nossa casa, e é este um prestígio que convém conservar, empenhando para tal um máximo de boa vontade, que será uma equivalência de são patriotismo.

Infelizmente, o conflito latente da A. F. L. com as outras Associações integradas na Federação, pende, como a espada de Damocles, sobre o céu da noxa época internacional. Esperamos que de um lado e outro, embora se salvaguardem prerrogativas, haja o bom senso necessário para compreender que, ante certos problemas de interesse nacional, ante acontecimentos a que esteja ligado o bom nome do nosso país, não podem existir lutas pessoais, rivalidades, ambições.

A equipa nacional, no dia em que sair a campo covergando as gloriosas camisolas vermelhas com o escudo das quinas, é indispensável que

corresponda ao nosso exacto valor máximo, isto é, composta pelos melhores jogadores, sem defecções, sem ausências firmadas em razões políticas.

As jornadas gloriosas de Amsterdam, os louros conquistados pelos players portugueses, somando tanta energia e tanto entusiasmo, impõem a todos quantos arcam responsabilidades dirigentes, muito critério, muita isenção e, sobretudo, muita disciplina. Dêles deve vir o exemplo nacionalizador cuja necessidade apregoam.

LADOUMEGUE, «RECORDMAN» DO MUNDO

Em 5 de Outubro passado, na pista do Estádio Jean Bonin, sobre o patrocínio do maior corredor francês dos tempos de ante-guerra, Jules Ladoumègue, o maior pedestrianista francês dos

foram facultados os meios do máximo aproveitamento.

Fui apresentado a Ladoumègue, em Paris, no mês de Junho último, por um comum amigo, também campeão de grande classe: Pierre Lewden.

Ladoumègue, ajudante de jardineiro no campo do C. A. S. G., o seu club, vestia como o mais requintado «gentleman» e não devia preocupar-se grandemente com os afazeres da sua profissão habitual. Lewden vinha convidá-lo para uma projectada excursão atlética à América do Sul, que tentava elaborar com o concurso das Federações Argentina e Chilena.

Ladoumègue ouviu, silencioso, o relato do projecto e, por fim, perguntou: «Et, combien d'argent?» Lewden explicou: «tôdas as despesas pagas, estadia em bons hotéis, s'argent de poche assegurado, as melhores garantias legais. O outro escutou, impassível, olhos fitos no chão, e acabou por declarar que lhe era impossível ir; tinha de casar breve, era um sacrifício, só obtendo uma compensação sensível; e mirava-nos de soslaio..»

São assim, os grandes campeões; ou melhor, fazem-nos assim.

COIMBRA-LISBOA EM ATLETISMO

O encontro das seleções de Lisboa e Coimbra, efectuado nesta cidade em 12 de Outubro, constituiu uma excelente demonstração de propaganda do atletismo e provou quanto esta utilíssima especialidade pode criar interesse na provincia constituindo um magnífico factor do desporto educativo.



Jules Ladoumègue, o novo recordman do mundo dos 1.500 metros

tempos modernos, desbaratou o «record» mundial dos 1.500 metros, propriedade do alemão Peltzer, levando-o a limites que se não supunham ao alcance das capacidades atléticas humanas.

O tempo de 3 m. 49 s. 1/5 corresponde, sem dúvida, a uma das maiores proezas conseguidas pela máquina humana; recordemos que o «record» português da estafeta 4x400., pertença do S. L. Benfica, isto é, o melhor núcleo clubista de quatro homens correndo cada um dêles 400 metros, realizou o tempo de 3 m. 43 s. 3/5, o que quer dizer bateria Ladoumègue, correndo os quatro percursos, por 130 metros.

Os tempos intermediários do novo «recordman» oferecem-nos curiosas comparações; percorreu os primeiros 500 m. em 1 m. 13 s. 2/5, um segundo e um quinto a mais apenas do que o «record» português da distância, e daí em diante pulverizou os nossos máximos. Passou aos 800 m. em 2 m. 2/5 («record» português 2 m. 35), e aos 1.000 m. em 2 m. 33 s. («record» português 2 m. 45 s.).

Gaston nos últimos 300 metros 44 s. 1/5, isto após um esforço violento de 1.200 metros; o «record» português dos 300 m. é de 38 s.

Bastam estes confrontos, simples de avaliar, para compreender o formidável valor da proeza de Ladoumègue, mecânica perfeitíssima, à qual



José Garnel no início do movimento para lançar o disco



França conduzindo em belo andamento a prova dos 1.500 metros

Coimbra revelou-se um valioso centro de actividade, dispondo de todos os elementos indispensáveis para o progresso do atletismo: atletas de valor, entusiasmo pela especialidade, e grande interesse da massa popular. A assistência correu numerosíssima a presenciar a luta, mais numerosa do que habitualmente se regista em Lisboa; assim, podem os dirigentes locais organizar com segurança torneios, proporcionando aos atletas conimbricenses o convívio com os melhores especialistas do país que lhe fornecerão os mais proveitosos ensinamentos para seu progresso.

Sob este ponto de vista se deve considerar como uma grande jornada, a visita da equipe de Lisboa, muito criteriosamente formada, a pedido dos técnicos da A. C. A., pelos melhores atletas disponíveis da capital.

A vitória lisboeta, embora nítida, foi rijamente disputada e apenas no capítulo de lançamentos se registou uma completa inferioridade dos locais.

A compensar, os saltadores visitantes deixaram-se bater com *performances* muito inferiores às suas possibilidades.

Em corridas o equilíbrio foi mais interessante, pelo entusiasmo que os melhores regionais empenharam no desejo de vencer.

Os seus valores de primeiro plano, França, os Mourinhas, Cordeiro e Tavares Rodrigues devem na época próxima marcar lugares de destaque enfileirando, sem desprimor, a par dos campeões consagrados.

O torneio triangular Lisboa-Coimbra-Setúbal que em 1931 será organizado pela A. A. L. revelará ao público da nossa cidade surpresas interessantes, e pode desde já assegurar-se como um dos acontecimentos marcantes da futura época lisboeta.

A ABERTURA DA ÉPOCA DE «RUGBY»

Sporting e Benfica inauguraram, como é de tradição, a nova época, encontrando-se e empatando no dia 5 de Outubro.

O jogo ressentiu-se da escassa preparação das equipas em presença, sendo desconexo, incerto, hesitante, sem aquela clareza de ataque que é uma das suas mais belas características; notou-se, no entanto, em algumas unidades uma tendência lamentável para a dureza que deve ser severamente reprimida.

O espírito de jogo é entre nós muito erradamente compreendido em certos agrupamentos que julgam convir-lhes mais impedir o adversário de jogar do que construir jogo por conta própria, recorrendo para isso a todos os meios, mesmo os ilícitos. Obstrução, deslocagens, detenções, são nos nossos campos moeda corrente, sem que os árbitros intervenham reprimindo.

A Associação de Rugby de Lisboa é em grande



FOOT-BALL RUGBY — Vasco Caiola, do Sporting, tenta furtar-se à placagem do adversário



Rodrigo Garrido, do S. C. P., vencedor nos campeonatos de Lisboa e de Portugal, em velocidade (1.000 m.)

parte, a culpada do facto; falta de energia na sua direcção superior, caótica na sua organização por incúria de directores que têm ocupado, sem preocupações, alguns dos seus cargos de mais responsabilidade, não tem sabido impôr um critério definido exigindo dos árbitros o cumprimento integral e rigoroso da sua missão.

Acrescentemos ainda a quasi unânime escassez de conhecimentos dos juizes de campo portugueses, e teremos bases suficientes para afirmar que o rugby, tendo criado raízes fortes no meio, público e praticantes, necessita neste momento de dirigentes conscienciosos e de uma orientação superior definida e rigorosa. Esperemos que os clubes o saibam compreender, elegendo para a sua Associação criaturas competentes e entregando a presidência a alguém de conhecimentos e facultades de trabalho indispensáveis, neste momento, para corrigir as deficiências da preguiça e indiferença dos predecessores.

CICLISMO

O ciclismo é sem dúvida, em todos os países do mundo, um dos desportos mais populares; em Portugal, tem conhecido as maiores dificuldades para se afirmar muito pela péssima qualidade das nossas estradas, mais ainda pela ausência de pistas ou velodromos.

O primeiros destes inconvenientes encontra-se hoje em grande parte remediado, mas o incremento do ciclismo pouco cresceu, tendo até talvez diminuído em frequência de provas e em frequência de concorrentes, a compensar pela melhor classe dos vencedores que atingem agora médias comparáveis aos resultados internacionais.

O ciclismo de velocidade, mais emocionante, mais espectacular, é entre nós quasi inexistente pela falta de locais apropriados à sua prática, sendo ainda o Porto a cidade mais afortunada pois possui um velodromo utilizável. Lisboa, que tinha a má pista do Estádio, mas sempre tinha uma pista viu-se privada dela pelo espírito demolidor de uma empresa comercial, que sonhou químéricas construções, destruiu anunciando maravilhas e nunca mais realizou a mais pequena parcela das suas promessas.

No entanto, utilizando certas vias públicas, rectas e asfaltadas, a U. V. P. organiza anualmente os seus campeonatos de velocidade, que sucessivamente têm tido por cenário o Campo Grande, a Avenida da Índia e a Avenida Toddé em Setúbal.

As provas deste ano revelaram um novo especialista, Rodrigo Garrido, do Sporting Club de Portugal, que venceu, tanto o torneio regional, como o nacional.



SPORTING-BENFICA EM FOOT-BALL. — Um perigoso ataque do Benfica



ANTON RAFAEL
MENGES

Retrato do Arquiduque
Fernando
e sua irmã Maria Ana

Reportagem gráfica do cenário dos romances célebres

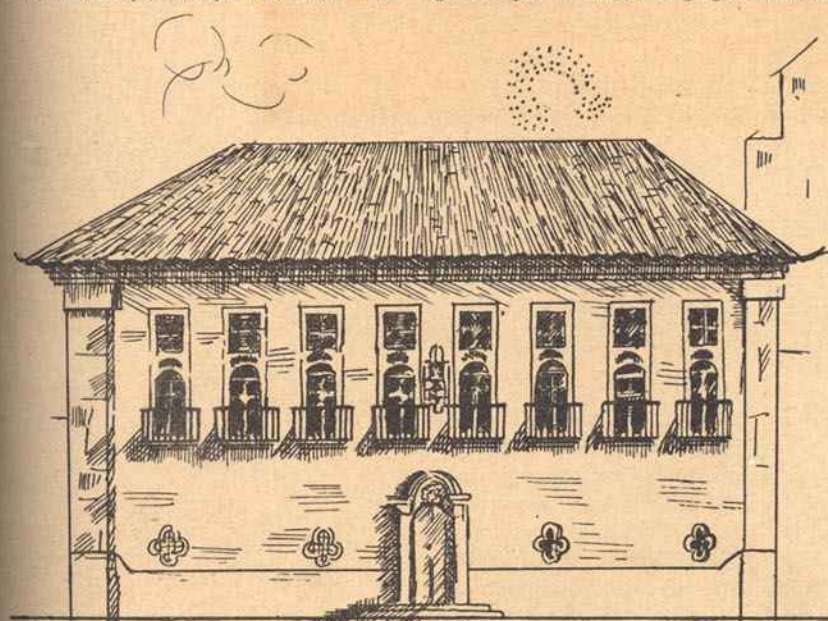
Os locais mais importantes onde
se desenrolaram os episódios
de "Os Maias" de Eça
de Queiroz,
pelos Reporter X

Eis um sentimento do mais papalvo provincianismo; da mais assaloiada ingenuidade, digno das porteiras que regam de lágrimas diluvianas os rodapés folhetinescos dos jornais; próprio do espectador clássico do velho «Príncipe Real» que do galinheiro berrava à vítima do dramalhão que não avançasse porque o «patife» estava escondido para a matar e que depois esperava o cínico à saída da caixa para lhe pagar pela tarifa do varapau tôdas as ignomínias cometidas no palco... Eis uma curiosidade-produto químico da ficção-literária dissolvida num espírito infantil provocando, com a mais desastrada inverosimilhança, a reacção do convencimento

de uma realidade — tão vivida, tão verdadeira, tão real, como os desgostos amorosos da vizinha do lado ou como os transtornos económicos ou morais do próprio leitor ingénuo... Refiro-me ao estado confuso em que ficam certos espíritos sugestionáveis após a convivência com o elenco dum romance... A donzela, que sonhou com o paraizo terrestre que o galã lhe oferece, enquanto não chega a nova de ascenderam ao do Céu; a tirania do tutor ambicioso, premeditando uma maquiavélica cilada à fortuna da pupila, obrigando-a a casar com o odiado sobrinho, cúmplice da conjura; o calvário íngreme e atapetado de agulhas que os amorosos galgam heroica-

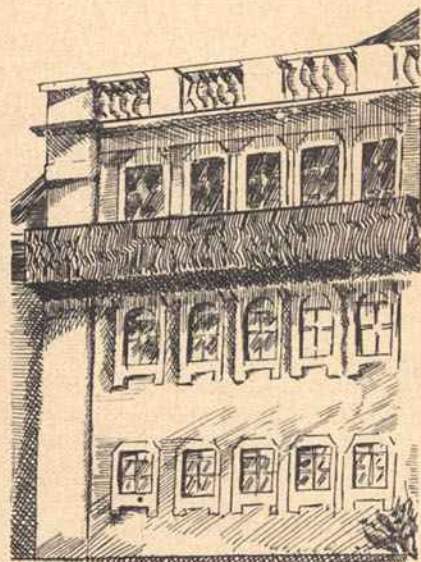
mente; os imprevistos, os alçapões da fantasia por onde surgem filhas de jardineiros que são princesas; e falsos príncipes que se fregolizaram no camarim dos bairros tenebrosos; o último capítulo da grande emoção; o salvador da última hora — o pronto-socorro que aparece sempre a tempo de evitar o irremediável e que transforma em aurora de promessas a noite trágica, cavada de abismos e cortada de relâmpagos — todos os elementos do romance, desde o personagem até aos cenários, infiltram-se, instalam-se na imaginação do espectador que a tudo assistiu através o binóculo dos caracteres impressos; solidificam-se, ganham relêvo e vida; humanizando o elenco e autenticando o ambiente até a ilusão de ópio que torna em gente das relações dos leitores os heróis do drama e em paisagem visitada aquela onde o drama se desenrola. E daí essa curiosidade; essa fácil sugestão em crer que a donzela, o cínico, o galã, a princesa, o conde, o agiota, são de carne e osso; existem e respiram como nós; assim como a taberna dos subterrâneos labirínticos, o palácio da marquesa; o *puñing* recheado de veneno borgiano, a máquina infernal do último capítulo, longe de serem papel pintado ou adereços de cartão colorido pertencem à vida tal, a imaginação do folhetinista os inventou no seu laboratório literário...

Esse sentimento de ingénua confusão espiritual, tão ridicularizado, tão combatido pelos positivistas e pelos amoros incapazes de um sonho fora da brutalidade material — é, ao fim e no cabo, a essência da missão do romance; o generoso engano de uma existência artificial e mais saborosa, precisa-



O Ramalhete

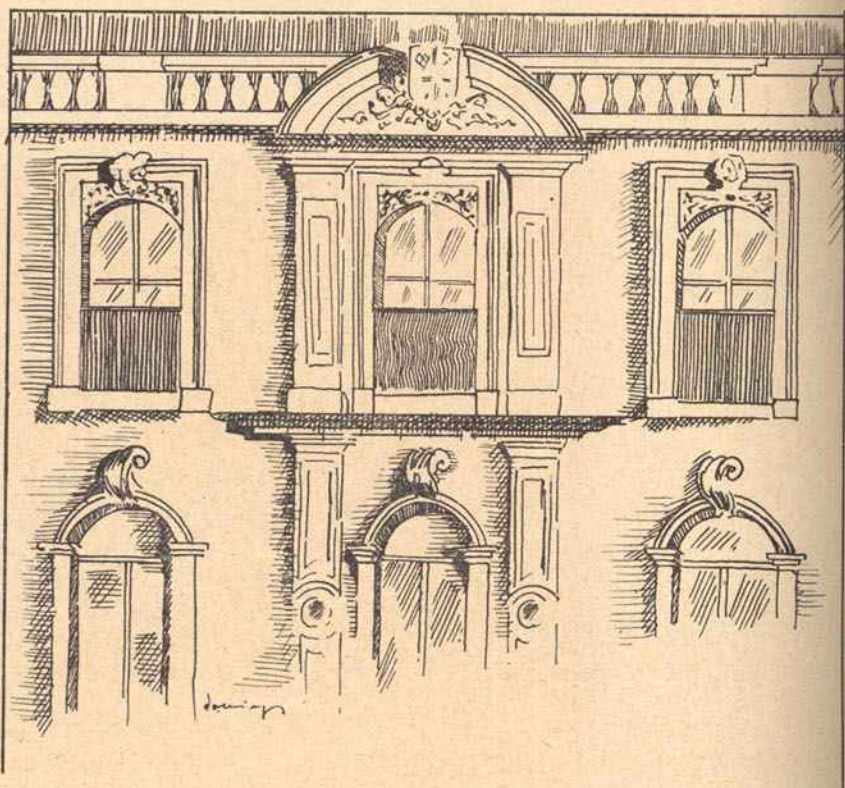
mente por ser criada e não fotografada; é a ilusão com todos os seus benéficos efeitos... Se o leitor não alcançasse esse transe hipnótico — que prazer encontraria ele na leitura dos romances? E é tanto assim — que todo o esforço técnico do romancista, toda a sua eloquência, toda a sua obra arquitectónica coincide no objectivo de pintar de sol o que é jacto luminoso de dois polos eléctricos; de vestir de carne — o que é recorte de papel; de fazer latejar ao ritmo do coração humano — o tic-tac da máquina da fantasia. E escritores existem que levam essa burla... *pour le bon motif*, ao extremo de convencerem o público que foram eles próprios quem heroificou as aventuras que descrevem... Por exemplo: «No ano 1903, quando eu comprei ao Rajah Kopiculajah o seu palácio de maravilhas, nos arredores de Ceylão...» É assim que Tomaz Pujol inicia um conto que acabo de ler no magazine «Lecturas» de Barcelona... Eu conheci pessoalmente Tomaz Pujol... Gordo, risonho, comodista, incapaz de caminhar meio quilómetro sem ser em taxi... Nunca viajou... O mundo, para ele, termina nas Ramblas... Vive num velho casinhoto da Calle de Gracias — por mandriice — para não se mudar... E contudo convence o seu público que esteve em Ceylão, que vive num palácio de madreperla e ouro, entre odaliscas; e auto-retrata-se como um príncipe *blasé* do romantismo... E há de haver quem o sonhe assim, Lord Byron do século XX; donzelas que invejam a sua favorita e que ambicionam conhecê-lo pessoalmente, como herói daquelas aventuras emocionantes; e jovens de ima-



O consultório de Carlos Eduardo

gação a escalear capazes de embarcarem com rumo às Índias — só para visitarem as «Mil e uma noites» em que ele, por técnica literária, transformou o seu casebre da Calle de Gracia.

E porque não hei de ser franco — se estou



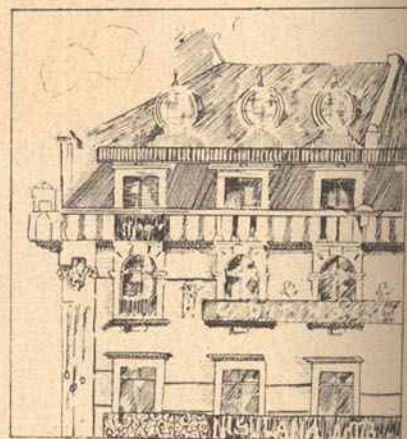
O Grémio Literário

entre pessoas da minha confiança, que são os meus leitores? Se o público ingénuo se ilude e encontra, como razão máxima do seu prazer de leitura, o convencimento que é real o que é ficção — porque pedantismo os outros, os superiores, os não sugestionáveis se negam a essa volúpia de viverem umas horas ou uns dias num mundo artificial, mas mais belo e mais emocionante? Se aqueles, leitores de romances de escritores apressados e de insuficiente fôlego descritivo se iludem — porque razão os outros, os leitores de escritores de poderosa eloquência, de contagiosa evocação não hão de iludir-se? Se nós próprios, fabricantes de fantasias, que conhecemos de côr o «Manual» de fazer romances; que sabemos de antemão onde nos conduz este e aquele caminho, em que capítulo surge o conflito e como é maquinado o *truc* para criar o conjunto — se nós próprios, que sabemos tudo isto, porque somos da profissão, porque estamos no segrêdo — nos iludimos também com a ficção dos colegas...

Dessa ilusão — o efeito mais vibrante é o da curiosidade de *conhecer pessoalmente* os heróis e os locais... Como seriam, na vida real, Simão Botelho e Jean Valgean; Malvaloca e Sherlock Holmes; o Primo Basílio e a «Madona» de Dekobra; a Misteriosa Rainha do deserto da «Atlântida» de Benoit e a Grace de Plessant, da «Marcha Nupcial» de Bataille; o «Voleur» de Bernstein e o Ivan

Kopff, de Gorki; Raffles e o Abbé Jules, de Mirbeau? E o palácio de St. Germain, onde o poeta intoxicou de amor a condessa romântica? E aquele solar onde Nababo realiza as suas visitas? E a casa de Monte Cristo? E a mansarda de Mimi?

E se essa curiosidade existe, latente, palpitante, viva no espírito do público, porque não há de o reporter saciá-lo como saciava todas as outras curiosidades? Por muito eter que circule na imaginativa do escritor,



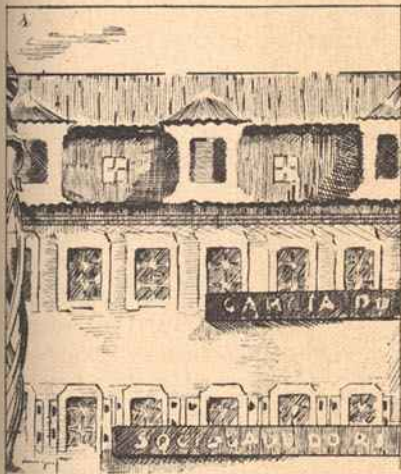
O antigo Hotel Central

existe sempre a imagem longínqua e vaga de uma realidade; a reminiscência gráfica que inspira; a recordação que se focou para depois se transformar, voltar, descoser e coser de novo à medida do projecto do romance. Não é fácil em absoluta essa reportagem.

Ela exige uma investigação, quasi detectivismo, para sobre os vestígios deixados nos descriptivos, criar a pista que conduza à realidade inspiradora.

Começemos pelo Eça de Queiroz e por um dos seus romances mais lisboetas: «Os Maias». Nos «Maias» é uma espécie de album de postais ilustrados, a colecção completa da Lisboa de 1860 a 1880... A velha capital burguesa e aciana perpassa ao longo dos capitulos num frizo de tão frescas tintas que, ao mergulhar-se na sua contemplação, a Lisboa actual recua e afasta-se para outro país e nós instalamo-nos na Lisboa da época em que a acção do romance se desbobina.

E começando pelos «Maias» — começamos pelo «Ramalhete», a casa que o velho «Maia» comprara a um bispo, no seu regresso de



Um dos prédios do Largo do Pelourinho

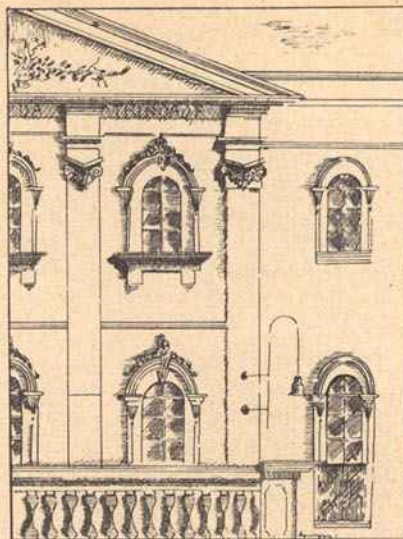
Santa Eulália... Foi para o Ramalhete que Carlos Eduardo trouxe das suas viagens pela Europa civilizada uma amostra da vida íntima dos cercles, o hábito dos serões de inverno, confortáveis e palpitantes de interesse, onde, ao calor do fogão, se discutia política, arte, idéias novas e se serviam *sandwiches e champagne*... Trouxera este exemplar da civilização e adaptara-o ao palacetete como os africanistas que de volta de caças tropicais trazem um exemplar vivo da selva e procuram adaptá-lo ao clima do continente. Quem é que ao ler «Os Maias», não se julgou visita do «Ramalhete» e não invejou aquelas deliciosas noites da Ega e todos os amigos de Carlos Eduardo?

Onde ficava o «Ramalhete»? Nas Janelas Verdes... O velho Maia, o avô, sentado no seu cadeirão, passava tardes inteiras contemplando uma nesga do rio, as entradas e saídas dos paquetes, o deslizar de asas das velas latinas sobre o espelho azul do Tejo... Vamos, pois, às Janelas Verdes — descobrir onde teria sido o «Ramalhete», palco de dias de aventureira calma e scena tragédia... Não pode ficar muito longe da rampa de Santos...



Hotel Bragança

Lembram-se como o Eça sintetiza toda a ideia do seu livro naquele admirável (desculpem-me o adjetivo; nunca soube adjectivar Eça de Queiroz)... admirável episódio em que Carlos Eduardo e João de Ega atingem a perfeição filosófica de «não correr nunca atrás seja do que for; conquistar só o que está ao seu alcance; o que não foge à nossa frente»; — e no preciso momento em que proclamam esta verdade máxima consultam o relógio, veem que é tarde e lançam-se numa correria na esperança de apanharem o «americano», cujo farol tremeluz ao longe, junto ao jardim? Recordam-se? Pois nas Janelas Verdes e próximo da rampa de Santos vamos arrancar do esquecimento a imagem do «Ramalhete»...



Teatro da Trindade

Temos depois o consultório de Carlos Eduardo, na época das suas primeiras ilusões profissionais, visionando uma existência de médico *dandy*, médico estilizado, útil à sociedade, com serviço gratuito para os pobres, e exemplo renovador com efeitos rápidos na molenguiça rotineira da cidade; consultório onde se esboçaram as suas primeiras aventuras amorosas; onde o Ega apareceu de pelica e sem casaco nem colete; um consultório com piano; revistas dos «Dois Mundos»... Era ali no Rocio, no lado occidental... Não é difícil encontrá-lo...

Temos depois o Hotel Central; o Hotel Central hoje transformado em ninho de escritórios, onde Carlos Eduardo conheceu Maria Eduarda; onde Alencar, o poeta das frases solenes e do ódio implacável aos realistas,



Um trecho da Rua do Ferregial

após um banquete político-literário tentou espantar João de Ega, numa fúria acendida pelo abuso dos licores. A Rua do Ferregial, onde Maria Eduarda se instalou e onde se iniciou a tragédia... Onde seria a casa de Maria Eduarda para que Carlos Eduardo pudesse, do seu refúgio, vigiar a porta e assistir às entradas e saídas do bochechudo, eterno e simbólico Damásio Salcedo? O Teatro da Trindade; a pensão do Corpo Santo onde *monsieur* de Guimarães se hospedava e onde foi buscar, para entregar a Ega, os documentos deixados pela mãe de Carlos Eduardo...

Enfim... A reportagem, para que de facto atinja o seu objectivo, para que sacie a curiosidade dos leitores dos «Maias» — deve ser gráfica; pertence ao fotógrafo... A prova que lhe pertence — não é a minha, não; é a de Eça, porque foi ela que criou essa curiosidade ao instalar o drama do seu romance na alma dos leitores... E estes agora que façam às fotografias o que as crianças fazem às construções litográficas d'Epinal...: que as recorrem, coleem a cartão e as tenham perto dos olhos, quando relerem «Os Maias»...

O Funeral de um homem illustre

CARTA AOS AMIGOS DE PENICHE — UMA MORTE FELIZ — O QUE DISSE A IMPRENSA — TEMPOS DE COIMBRA — A TRISTEZA DA ACADEMIA DOS ESTUDANTES CÁBULAS — AS FACULDADES DO GRANDE MORTO — AS CONDECORAÇÕES — A VIÚVA INCONSOLÁVEL — UMA PENSÃO DE SANGUE — NOS PRAZERES — A CONSTERNAÇÃO DA PROVÍNCIA — UMA ESTÁTUA — A IMPRESSÃO NO BRASIL

Meus queridos amigos :

O facto de eu ser jornalista não é razão bastante para Vocês me exigirem por carta particular uma reportagem que, mais amplamente, encontram estampada nas colunas de qualquer jornal diário. Acresce ainda que o género de reportagem que me exigem não é o da minha especialidade. Eu não curo de mortos, porque os mortos são, como sabem, incuráveis; curo de vivos. E destes interessam-me apenas as suas manifestações de alegria: casamentos, baptizados, «rendez-vous chics», chás dansantes, jantares à americana, partidas para o repouso fatigante das praias, termas e para largas viagens de recreio ou pseudo-estudo pelo estrangeiro. Nos assuntos tristes não vou além de uma operação ao estômago realizada com felicidade e «delivrance» venturosas em que mãe e recém-nascido se encontram bem, felizmente. Eu sou um simples, um desprezencioso «reporter» do «carnet mondain». Se Vocês me perguntassem em que dia faz anos «mademoiselle» Capitolina ou o Conde de Arronches, facilmente os atenderia. Agora pedirem-me que me ocupe do funeral de Dom Francisco Vilas Diogo — acho forte. Dêste homem illustre apenas sei que passava o seu aniversário natalício no dia 28 de Abril, e nada mais — nem mesmo ao certo quantos anos tinha, porque há homens velhos que não gostam que lhes revelem publicamente a idade, e Dom Francisco era um deles.

A-pesar destes senões, eu fui ao funeral daquele antigo deputado, porque, prezando muito a vossa amizade, não quis deixar de atender o vosso pedido.

Dom Francisco Vilas Diogo faleceu ontem, enterrou-se ontem e hoje de manhã os jornais relatavam pormenorizadamente o grande acontecimento que constituiu o seu funeral. É por eles, furtando aqui um trecho, pilhando acolá uma informação, inspiran-

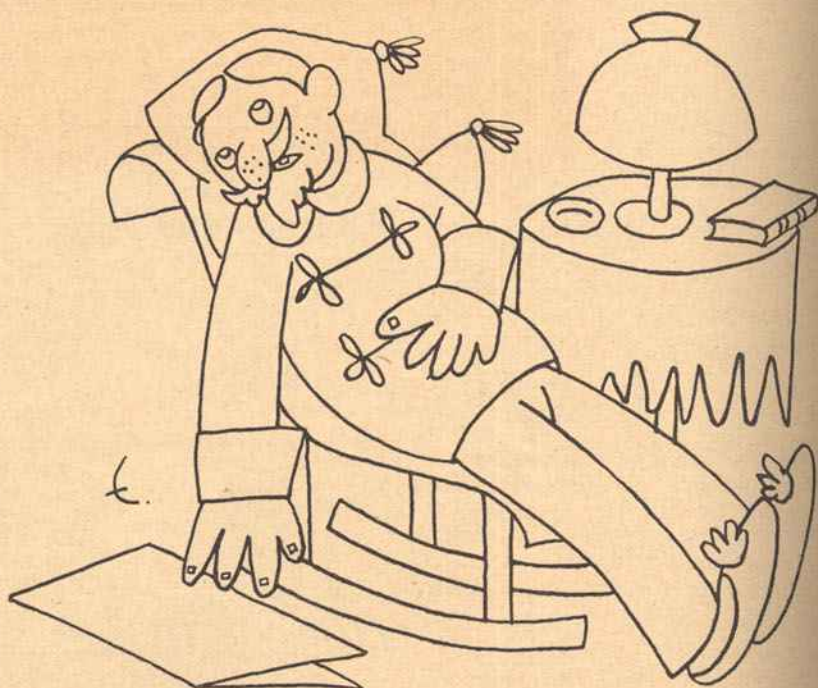
do-me além numa nota biográfica, que eu faço a reportagem, porque *in loco*, por falta de hábito, não colhi mais do que umas vagas impressões de tristeza, que misturo no mesmo almofariz onde lancei as reportagens alheias para, finalmente, vos apresentar aquela síntese... suficientemente longa que satisfaça a curiosidade dos vossos espiritos.

Como aquilo aconteceu não sei. Sua Excelência faleceu de repente. Foram, depois de jantar, dar com o illustre homem público morto na cadeira de balouço onde costumava fazer as laboriosas digestões, um sorriso venturoso nos lábios, um sorriso de homem que

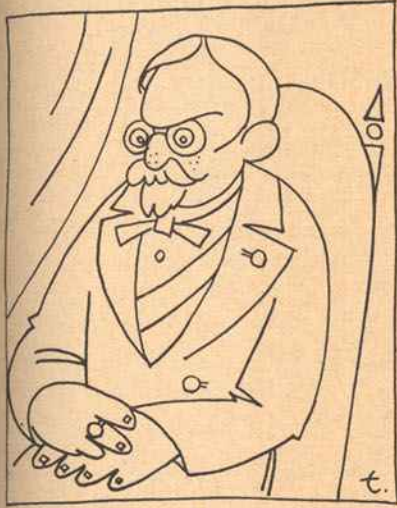
por estar dormindo não teve ocasião de surpreender a face terrificante da morte que dele se abeirou com péssimos de lá.

O caso foi largamente pormenorizado ontem nas gazetas da manhã, de mistura com prólixos artigos biográficos, ilustrados com o seu retrato em soberba expressão: mão na larga face mediatubunda, cofiando a pera que rematava o seu rosto austero, uma pera branca, de um branco de pérola, uma perapérola, enfim, das mais bem modeladas que tenho visto, olhar nostálgico, olhar profundo. Toda a gama de atitudes tomadas em vida pelo homem illustre foi reproduzida na Imprensa, esta bela instituição que eu sirvo orgulhoso, e que tem colocado tanta boagente no trono dourado da celebridade.

Recordou ela, a Imprensa que tudo sabe e tudo diz, os bons tempos em que Dom Francisco Vilas Diogo cursava Direito em Coim-



bra, fazendo versos às tricanas, arruando nos becos e bebericando nos tascos, levando uma vida descuidosa e intelectual, uma existência boémia que não lhe permitiu atingir a formatura; a sua marcha triunfal sobre Lisboa, qual Nero sobre Roma, à frente de uma coorte de políticos que fizeram de Portugal o paraíso que nós gosamos; a sua entrada no Parlamento, onde o seu discurso em defeza



de uma ampla reforma universitária que reduziu consideravelmente o tempo dos estudos lhe grangeou uma manifestação apoteótica promovida pela Academia dos Estudantes Cábulas de Coimbra e uma pasta em couro da Rússia... tzarista com monograma em ouro. E recordaram mais, mais factos admiráveis as gazetas do país. A sua acção inteligente e sábia de membro do Directório do Partido a que deu alma, o Partido que hoje chora a perda do seu membro ilustre; os cargos que exerceu em várias companhias e empresas. Ele, que nada percebia de problemas das Colónias, que nunca visitara a África, com uma intuição extraordinária conseguiu ser membro do Conselho de Administração de várias companhias coloniais; ele, que fôra sempre uma negação em mineralogia, pertencera em vida à Direcção de uma empresa mineira; ele, que pela feição do seu espírito alado pairava sempre nas alturas dos grandes problemas filosóficos e políticos, dirigira uma fábrica de alpergatas.

É extensa a lista dos serviços prestados por esse homem à sua Pátria, serviços que felizmente não passaram em julgado. Desta vez, a nação não foi mal agradecida, como o costuma ser sempre para com os que melhor a servem. Eu vi ontem, quando visitei a sua câmara ardente, onde em nome dos meus amigos de Peniche, deixei o meu cartão de condolências, que a casaca do ilustre morto, qual noite escura onde estrélas fulgurassem, ostentava uma constelação fascinante de condecorações valiosas.

No ambiente soléne dessa câmara ardente, onde se fazia um silêncio tão absoluto como o que antecedia na Câmara dos Deputados os

seus discursos empolgantes, o Cristo de marfim custodiado por dois grandes círios lacrimantes de cera dir-se-hia olhar enternecido a face austera de Dom Francisco Vilas Diogo, como se já se sentisse contente de ter acolhido lá nos céus a sua alma immaculada.

Ingressei, como era meu dever, na «bicha» longa das pessoas de boa sociedade que foram apresentar à viúva inconsolável «a expressão sincera do seu imenso pesar». E quando me abeirei dela confrangeu-se-me o coração. Vestida de negro, um negro triste que mais fazia realçar a sua beleza e a sua mocidade radiosa, Dona Joana, a viúva, chorava desabaladamente, amparada por senhoras muito distintas que lhe dirigiam frases consoladoras.

Coitada, Dona Joana herda apenas três mil contos em dinheiro, papeis de crédito e propriedades e, logo que cesse o luto, dizia-se à boca pequena, consorciar-se-há com um ilustre titular que possui uma fortuna insignificante — que não vai além de uns seis mil contos.

Pobre Dona Joana! Fica em uma situação verdadeiramente desgraçada, tão desgraçada que alguns amigos do extinto vão lembrar ao Governo que, atendendo aos importantes serviços prestados por Dom Francisco à nossa Pátria, se conceda à viúva uma pensão condigna que a livre de situações precárias incompatíveis com a dedicação de uma senhora que acariouhou uma das maiores cabeças portuguesas.

O funeral realizou-se ontem, com grande pompa, pelas 15 horas, da residência para o cemitério dos Prazeres. Os Prazeres, prezados amigos de Peniche, são um vasto campo de morte onde repousam algumas das figuras mais ilustres de Lisboa.

Assisti à inolvidável manifestação fúnebre, derradeira homenagem dos amigos, conhecidos e admiradores do grande homem público.

Quando a soberba urna de mogno, com incrustações em prata, saía de casa, deu-se uma scena comovedora. Dona Joana, a viúva, clamava em um último desespero:

— Levem-me com elle! Levem-me com o meu querido esposo!

Foi um trabalho enorme e quasi improffico para arrancá-la à urna a que agarrara nervosamente. Apenas a um cavalheiro de bom porte Dona Joana obedeceu, caíndo-lhe nos braços soluçando — o titular com quem, segundo consta, deve consorciar-se mais tarde. E lá ficaram os dois, ela chorando em bica, elle consolando-a conforme podia, enquanto o cortejo soberbo se organizava cá fora. Seguia a grande carreta a três parelhas o trem dos eclesiásticos, que compareceram apesar de algumas afirmações heréticas produzidas em tempos por Dom Francisco, e, atrás, uma interminável fila de automóveis com políticos, financeiros, diplomatas, comerciantes, tôdas as classes sociais, enfim, que tanto devem à inteligência e zêlo do homem que se finou.

No cemitério, de minuto a minuto, organizavam-se turnos. Em um dêles tomou parte o ministro da Pérsia, que chorava como uma criança, noutro os representantes da Academia dos Cábulas que em Dom Francisco perderam o seu melhor amigo e defensor.

Junto do jazigo de mármore, onde o homem ilustre iria finalmente repousar de uma vida

intensa e gloriosa, fizeram-se discursos. Não lhes dou conta dessas orações, prezados amigos, porque as encontrei quasi na íntegra na imprensa, apenas quero chamar a vossa atenção para as palavras sentidas de um membro do Directório do Partido, um outro membro ilustre, é claro, que em um rasgo de boa oratória e definindo bem as altas virtudes do grande morto, disse:

— No período áureo da nossa História, Dom Francisco Vilas Diogo, que a nação enlutada chora, seria um Gama ou um Cabral, na nossa época elle foi um deputado ilustre que enobrecceu a sua terra com o fulgor da sua palavra e a beleza helénica das suas atitudes. É justo que o povo lhe erga uma estátua.

E vão erguer-lha por subscrição pública. As gazetas registam hoje telegramas de todo o país dando conta da imensa dôr que vai por essas provincias. Há bandeiras a meia haste, há missas por alma do ilustre morto, há lágrimas que chegam para atenuar a seca que em algumas povoações ameaçava o bom êxito das colheitas.

Mas os telegramas que mais sensibilizaram a nação, que pranteia o seu filho querido, foram alguns de vários chefes de Estado da Europa e um da colónia portuguesa no Brasil, que reza assim:

«Rio de Janeiro, 14. — Causou profunda e dolorosa impressão na colónia portuguesa do Brasil a noticia do passamento do grande homem público que foi Dom Francisco de Vilas Diogo. Iniciou-se a subscrição para a estátua. — F.»

Aqui tendes, amigos de Peniche, em poucas palavras, no estilo impróprio de um re-



dactor do «carnet mondain» o relato do acontecimento que nestes últimos tempos mais abalou a alma da nação.

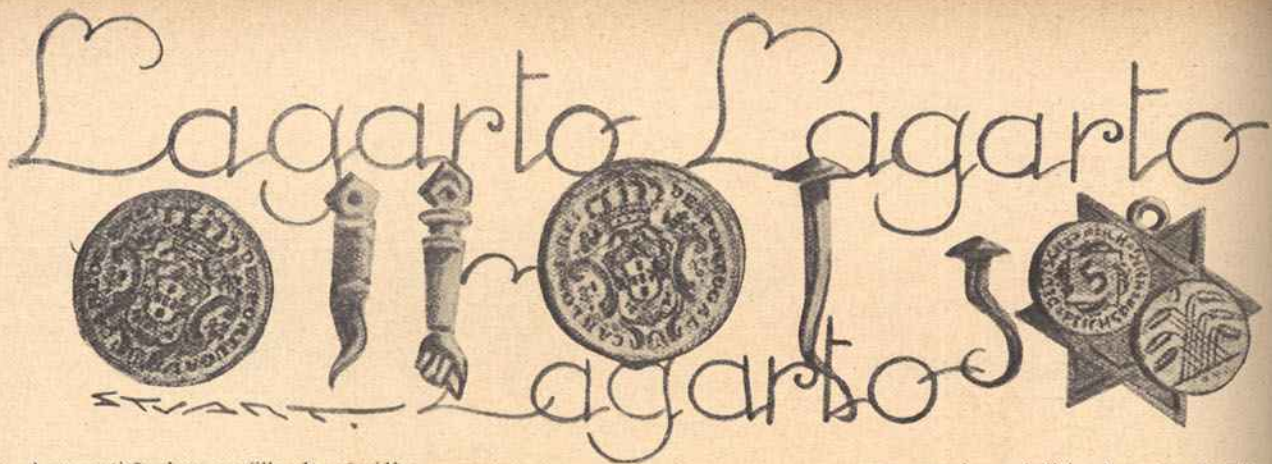
Endereça-vos pézames sinceros por tão grande perda, o que será sempre amigo ao vosso dispor

Joaquim Mundano.

Pela cópia

MÁRIO DOMINGUES.

Lagarto Lagarto



A superstição deve ser filha da coincidência embora os cultores de sciências esquisitas lhe dêem origem quasi divina. Um conjunto de circunstâncias semelhantes coincidindo com tal bem ou tal desgraça e assumindo junto de certo facto um papel importante na memória criam o *enguicho* ou a *mascote*.

Sai um homem de casa a caminho do emprego e encontra um gato pingado; mais adiante surge um amigo que lhe propõe um negocio. Se o negocio se fez é natural que o homem considere o gato pingado a sua mascote e no caso contrario o seu enguicho. Com maiores ou menores diferenças e ainda

com a suggestão das narrativas alheias é esta a teoria da superstição.

Outra observação: É entre as gentes cuja profissão é mais contingente e mais sujeita a desaires que melhor e mais fortemente grassa o terror supersticioso. Actores, pescadores, gente de tavolagem, toureiros, todos os que vivem mais ou menos do acaso do público ou do riso da Fortuna se enredam nesse mundo complicado das augures.

Os povos mais mandriões são os povos mais supersticiosos. Só o *maravilhoso* dum bom augúrio os decide a trabalhar assim

como qualquer indicio de *mala pata* lhes serve de boa causa para não fazerem nada. É a pouca coragem para o esforço que dá aos madraços uma fé inquebrantável nos avisos misteriosos do Destino.

Entre os meus amigos conto vários supersticiosos. Por exemplo:

A. L. é um funcionário público, simpático e inteligente. Tódas as manhãs vai Chiado abaixo para o seu emprego mas... se vê um caixão às costas dum galego, conta mentalmente as faltas que pode dar e... fica na Brasileira.

O. B. mora para os lados do Ferregial e trabalha na R. do Oiro. Pois bem. Não desce a Calçada de S. Francisco. Vai de eléctrico pelo Corpo Santo porque... nos baixos do palácio Iglésias há um corvo que se levanta cedo...

C. V. tódas as manhãs indaga no cata-vento da tórre da fréguesia. Se a flecha, em perspectiva, cruza a haste do pára-raios, bate madeira, toca numa ferradura, queima um chifre e revolve todos os engrimanços que tem guardados a um canto do bahú.

Outro, o J. F., intrigava-me com um gesto que lhe era familiar e a miude repetia. Quando passavam determinadas pessoas, quando alguém falava em cobras, quando entornava café era certo levar a mão ao bolso de trás das calças e afagar três vezes qualquer coisa que avolumava o dito bolso. Um dia perguntei-lhe e elle mostrou-me um saquinho de seda vermelha que tinha dentro um arsenal de amuletos. Meia ferradura, um prego tórto, um hipocampo, um papelinho dobrado, moedas velhas, um pedaço de chifre e ainda em promiscuidade incompreensível, um S. Pedro de bronze com um braço partido.

O actor espanhol António Esquinas passa uns natais desgraçados. Vêr um bando de perús fá-lo perder a tramontana...

E os toureiros!... O Gallo, o Chichorro, o nosso José Bento... O Gallo tinha tanto enguicho com as cobras que nem eiroses comia, só pela semelhança.

Uma grande artista que pisou várias vezes o palco do S. Carlos, antes dos ensaios andava pelos bastidores, curvada, com os olhos no chão como quem procura qualquer coisa perdida. Andava à cata dum prego tórto e enquanto o não achasse não ia cantar. Bem





vamos lá a ver se eu consigo contar isto sem desastre de maior...

No tal dia de Reis fui convidado para jantar em casa muito íntima e, ou porque lá soubessem do meu enguiço, ou por qualquer outro motivo, pela altura do bolo tradicional, por sinal um magnífico bolo feito em casa, foi-me oferecido um pedaço, um belo pedaço loiro de côdea e salpicado de açúcar. Pareceu-me que a autora do bolo ria quando mo serviu, isso, não juro eu, mas o certo é que à primeira dentada os meus incisivos esbarraaram com um pequenino embrulho de papel de estanho. Tirei, abri e esfriei... A julgar pela cabeça era um preto, dos tais. O

quarto na minha vida. Como disse, esfriei. De mais eu trazia entre mãos um negócio grave. Perceberam a minha atrapalhão e eu contei o enguiço.

De repente alguém diz:

— Mas não é preto. Veja!

E não era. O forno tinha deformado o bocado. O ar, dilatado, tinha feito na celuloide uma modificação profunda, rara, inverosímil...

O preto... como hei-de eu dizer isto? Sim... O preto era... preto. Indubitavelmente. Misericordiosamente!...

E o negócio fêz-se.

CASTELO DE MORAIS.

entendido, o Paccini mandava espalhar todos os dias meia dúzia de pregos tortos entre os bastidores para que a diva tivesse o prazer de quebrar o enguiço e não faltasse ao ensaio.

Mas há mais, a tirania do enguiço vai mais longe. Desfaz destinos, cria inimigas, escangalha vidas.

Conheci um pobre diabo de quem dissemos que dava asar e perden um lugar de fiscal num clube de fama.

Outro separou-se da mulher e abalou para a África porque ela sabia de bruxedos e podia dar-lhe *qualquer coisa a beber*.

Mas a melhor anedota de enguiços deu-se comigo. Vamos lá a ver se posso contar a história.

Três vezes na vida fui presenteado com pretinhos, êsses pretinhos de celuloide que para aí se vendem nos basares..

No dia em que me deram o primeiro preto tive uma péssima notícia e zanguei-me com pessoas com quem sempre me dera bem. Não fiz caso.

Quando me deram o segundo, dois ou três dias depois, tive um prejuizo grave que muito abalou o meu fraco andaime económico.

Passaram tempos e surgiu um astro novo no meu horizonte. O destino trouxe-me o seu melhor bombom. Os dias corriam leves, prazenteiros e facêtos até que como brinde, vim encontrar na minha secretária, sentado no tinteiro e com um saiote de *crochet* de seda azul, um preto, um dos tais pretinhos embirrentos. Por falta de prática não toquei madeira, nem chifre, nem ferradura e dias depois todo o meu castelo de felicidade se esvaia... Fiquei portanto enguiçado com os pretos de celuloide.

No passado dia de Reis êsse enguiço quebrou-se de uma forma extraordinária. Ora



Q B A T U Q U E

Fala-se, por vezes, na metrópole, quando se vê um folguedo desabrido, uma dança sem nexa, que é um *batuque*, como significando desprezo, tanto pelas pessoas que o executam como pela própria dança, talvez, por um convencionalismo social, por uma hierarquia *charra*, baixa mesmo, que certos seres julgam ter sô-

etiqueta, aquela garbosidade técnica que é preciso dar-lhe, não é por mal, mas somente por ainda não ter podido entrar nesses centros de civilização onde essa arte é cultivada a rigor, o que não quer dizer que ele na sua dança não empregue todo o ritual, todo o sentimentalismo—embora a seu modo, é claro—tanto

divertimento, o seu fim é outro: morte de parente ou casamento. E assim quando algum preto falece, pobre ou rico, a família dá, ou nesse dia ou daí a tempos, um *batuque* em homenagem ao finado. Quer dizer: a família do morto em lugar de missas ou rezas pela alma, como se faz em tôdas as regiões da Europa, pespega-lhe com uma *batucada* que é do finado ficar cheio de música e dança para séculos sem fim. E até o pobre do S. Pedro, se esta devoção fôr aceita no outro mundo por *Dios*, se há-de vê agraviado com o assento da música; pois para boa compreensão da escrita celestial, deve formar o processo desta devoção com colcheias e semi-colcheias em cunhaneca (!) para saber os descontos que tem a fazer nos crimes da alma do negro falecido.

Mas neste folguedo ou sentimentalismo religioso, gasta o preto o melhor de alguns dias, ora bebendo macau ou berlunga e comendo pirão, se é pobre; ora vinho do Pôrto e champagne, de mistura com boa carne, se é remediado ou rico. O negro ou negra que dá a festa é quem abre a dança ao som da sua rica música gentilica e dos descantes que, embora sem métrica nem rima, são por vezes engraçadíssimos. E com tal interesse, as personagens que dançam executam o seu papel, que só o abandonam para dar a vez a outros, quando na sua maioria caem exaustos de forças.

Ora aqui está a razão porque o preto dança o tal *batuque*, de quem tôda a gente, na metrópole, escarnece: como prova de sentimentalismo pelos que passaram ou alegria pelos que casam. Será exagerado no seu folguedo? Não terá nexa na sua forma de operar para o modo de ver dos psendos-civilizados? Não sabemos; mas se assim fôr também ele pode perguntar aos brancos: que vantagens têm vocês em chás-dançantes e nos jantares à americana? Talvez conselhos da medicina moderna a fim de lhes auxiliar o aparelho digestivo? Nesses casos venham até às nossas terras que dispensam semelhantes tratamentos: pois contem como nós pirão uma vez por dia e é quando o há. Diz o rião e é bem certo: «Cada terra com seu uso, cada roca com seu fusos. Daí o *batuque* ter o mesmo direito de ser a dança clássica do gentio que as valsas e outros números de danças têm entre os civilizados.

ZARCO DE ALMEIRIM.
(!) Preto do sul de Angola.



Uma fase do batuque típico de gentio

bre os de côr diferente, como se a côr fôsse actos de miséria ou faltas de carácter, tantas vezes desligados desses que censuram, desses que arrogam a si o direito de superioridade perante um preto, olhando-o deshumanamente, com certa crueldade—mais talvez, que a um animal bravo. Mas quem vem a estas paragens, ao sertão, desilude-se por completo desse modo de pensar, atira para muito longe com o errôneo juízo que se faz do negro, e muito mais da sua dança, como se observa.

O *batuque*, sendo uma dança gentilica, tem, mesmo assim, um cunho simbólico, um cunho de pureza rática que nos obriga a nós, outros, a tomá-la como coisa séria e moral que é.

Bem se sabe que nos centros aonde a civilização vagueia pelas ruas de braço dado com a grande moda, à mistura, talvez com o latir das cadelas vândias, a dança tem um outro vínculo, um outro sentimentalismo—segundo o ilustre pensar dessas cabeças iluminadas pelos preconceitos sociais de hoje e também de ontem, pois num pequeno exame antropocéfalo, facilmente se descobre que a massa excrementária que as enche é a mesma e em todos os tempos. Mas no pequeno estudo que fizemos da dança gentilica para a civilizada apenas lhe encontramos a diferença do garbo, da elegância dos grandes mundos, porque o preto não teve quem o educasse para tal. De resto, ele dança em *batuque* pela mesma razão de que nos outros meios floridos do intelectualismo universal se deslisa em salões dourados ao som de um quinteto ou de um *jazz-band*, numa polca, numa masureca, num minuet e tantas outras danças célebres, que, a nosso modo de ver, quer tenham mais ou menos arte, tanto importa que a dama ou cavalheiro façam deslizar o seu pézinho por soalhos encerados, como em esplanadas de capim: tudo é dançar.

Se o preto não dá à arte dançante aquela

ou mais que o europeu nos seus bailes ou *batuques* civilizados.

Nos pontos do tal chamado mundo culto, as danças dão-se ou por anos de certa pessoa de categoria, reuniões familiares em casas particulares ou clubes, ou por qualquer facto de fraternização entre uma certa sociedade. Na África, porém, embora por vezes se dê como



Outra fase curiosa do batuque de negros

A GRANDE SEMANA DO LIVRO

EM

MADRID



Com uma coragem moral que assombra e uma vivacidade intelectual admirável, Espanha procura cortar com o passado todos os laços que a tornaram incompatível com o espírito

estado de espírito colectivo de população aludiremos, de passagem, às preferências manifestadas pela maioria dos compradores.

A novela erótica, que em Espanha alcançara

mais célebres, ler os escritores mais cotados.

Ao ar livre, em grande número de ruas venderam-se montanhas de livros; aglomeraram-se, diante dos improvisados estabelecimentos, multidões compactas, que procuravam aproveitar-se dos descontos excepcionais feitos durante os dias dessa admirável festa — porque duma festa se tratou.

Para se ajuizar do

um êxito que nunca obtivera noutros países, entrou em franco declínio. Seus autores perderam a popularidade e suas obras deixaram de ser bafejadas pelo êxito ruidoso de grandes tiragens. A Feira do Livro foi para elas o seu Waterloo.

Em compensação, os livros sobre assuntos políticos e sociais, que noutros tempos apenas preocupavam uma minoria escassa, venderam-se por milhares. Esgotaram-se edições inteiras.

Um dos de maior venda foi *O processo revolucionário de Valencia*, de Rafael Sanchez Guerra. Seguiram-se-lhes os de Marcelino Domingo e Alexandre Lerroux sobre os acontecimentos ocorridos em torno da ditadura de Rivera. E dos literatos e pensadores que tiveram numerosos compradores para as suas obras ocuparam os primeiros lugares Pio Baroja, Valle Inclan, Unamuno, Wenceslau Fernandez Flores, Ramon Perez de Ayala e, em regra, todos aqueles que perante a situação de Primo de Rivera assumiram uma atitude de protesto.

Venderam-se também os clássicos, os que em Espanha serão, através dos séculos, os escritores eternos. E entre os compradores havia, em grande número, os que antigamente não se preocupavam com o que constitui o património intelectual e literário de Espanha; os que se limitavam, de longe em longe, à leitura dos suculentos romances em fascículos editados no país vizinho, por centenas.

Quando se fará, entre nós, a Festa do Livro? Portugal está precisado duma iniciativa dessa natureza. E se tanta vez se imita o que lá fora de mau se produz, por que não se há de aproveitar o maravilhoso exemplo que nos oferece um país que está vivendo uma das horas mais nobres e mais belas da sua existência?

C. L.

(Fotos Ortíz, exclusivo para «Ilustração».)



moderno. Saída dum obscurantismo que parecia uma sepultura, caminha sempre em busca duma luz que espíritos tímidos vêm com raios sangrentos, mas que observadores mais serenos, assinalam bela e forte como a duma aurora.

Dêsse belo e espontâneo movimento participam, irmanados pelo entusiasmo e pela sinceridade das convicções, intelectuais e operários, estudantes e professores, tudo o que constitui o braço e o cérebro dum país que procura resolver pela liberdade, pelo trabalho e pela justiça os seus problemas vitais.

A Feira do Livro, ultimamente realizada em Madrid, constituiu um acontecimento que elevou a população daquela grande cidade aos olhos dos estrangeiros. Madrid inteiro viveu, durante o tempo em que êle se efectuou, horas de grande alegria espiritual. Livros e autores eram tema forçado de tôdas as conversas. Só havia uma preocupação: adquirir as obras



UMA GRANDE FIGURA MILITAR QUE DESAPARECE

Acaba de falecer em Madrid, com 92 anos, o famoso general Weyler, conhecido no seu país como o príncipe da milícia, e que foi, após o Rei, a figura mais categorizada do exército espanhol nos nossos dias. A sua vida ocupa quasi um século da história política e militar da Espanha, nos períodos agitados do século passado, tendo desfilado ante os seus olhos todo o processo do constitucionalismo espanhol, com as suas guerras civis, distúrbios, crises e abdições, processo, de per si, tão prolongado e complexo, e que tem



O Marechal de Espanha D. Valeriano Weyler, Duque de Kuba, Capitão General dos Exércitos Espanhóis, condecorado com o Tostão de Ouro, Gran Cruz de São Fernando e as mais altas condecorações da Europa, que faleceu aos 92 anos, sendo enterrado sem honras militares por sua expressa determinação.

WEYLER

SUA VIDA E SUA MORTE

QUEM ERA O "PRINCIPE DA MILICIA"

encontrado, no seu desenvolvimento, obstáculos tão difíceis de vencer que ainda hoje, e já lá vai mais duma centúria, segue os seus trâmites dolorosos, numa luta de vida ou de morte, sem se saber quando e como chegará ao seu fim.

Foi o general Weyler um daqueles militares de normas inflexíveis, que formam da

disciplina um conceito rígido e inabalável. Aos deveres da sua profissão, aos princípios invulneráveis dos regulamentos marciais, sacrificou sempre, com uma intransigência e uma crueldade verdadeiramente medievais, todos os impulsos de generosidade humana que porventura alguma vez houvessem agitado a sua alma de soldado. Não se lhe conhece, pelo meos, um único gesto que recomende a sua memória à sensibilidade dum homem de hoje, para quem a morte dos que pecaram em vida não obriga à benevolência nem ao perdão. Porque há uma obrigação que nós hoje antepomos a todas as outras: a obrigação de se ser homem, e o general Weyler, ao contrário de muitos outros que deram páginas de glória à classe a que pertenceram, mesmo naqueles momentos em que devia submeter-se aos seus impulsos de humanidade, foi sempre e exclusivamente militar. E esta condição não exclui necessariamente a outra. Decerto que pode ser apresentado, nalguns dos actos da sua vida, como um exemplo notável do cumprimento do dever, mas, várias vezes, para este velho soldado, o dever era tão inexorável que chegava a confundir-se com a frialdade patológica duns instintos que raiaram quasi pela ferocidade. A sua intervenção na guerra de Cuba, onde assumiu o comando das tropas espanholas em substituição do general Martínez de Campos, demitido pelas acusações que lhe foram feitas em Espanha de falta de decisão e energia para reprimir o levantamento dos insurrectos, é um dos capítulos mais negros que se tem escrito na história colonial de qualquer país. A estratégia militar era confiada aos instintos desenfreados do soldado em guerra. Não havia mais razão nem mais

direito, do que a razão de matar e de avasalar sem olhar como nem a quem. Registravam-se os actos de maior crueldade. Mulheres e crianças eram abatidas impiedosamente. O depoimento dos que assistiram a essa batida sangrenta constitui, ainda hoje, uma acusação terrível. «El general verdugo», como ficou sendo conhecido em Cuba o general Weyler, foi, desde então, uma das figuras mais trágicas da Espanha contemporânea. Ele pôde, é certo, e mercê destes processos repugnantes, prolongar a guerra até à intervenção dos Estados Unidos. Mas, desde aí, e graças à campanha regeneradora daquela geração de intelectuais e artistas que ficou na história das Letras Espanholas com o nome da «geração de 98», a mentalidade política da Espanha começou a renovar-se. E a personalidade de Weyler, que encarnava uma Espanha condenada a desaparecer e que tinha ganho antes uma certa auréola de celebridade

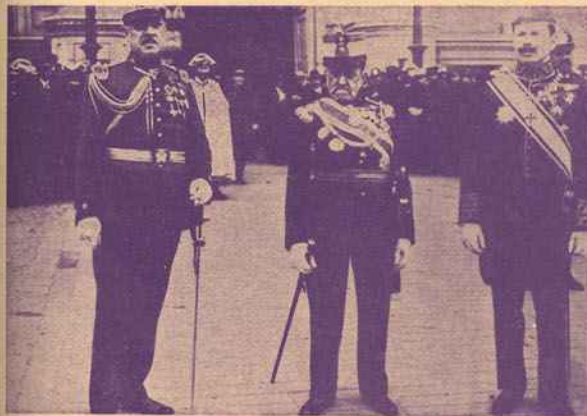


O velho general Weyler, na sua última foto oficial, junto do rei de Espanha, D. Alfonso XIII

pelo papel que desempenhara na insurreição de São Domingos e, mais tarde, durante as guerras carlistas de Espanha, penleu toda a popularidade, conservando apenas o seu prestígio dentro das camadas militares.

Também não é muito grata para nós, portugueses, a figura militar do general que acaba de desaparecer. Foi ele um dia quem falou, com certa displicência, num passeio militar até Lisboa, sem se lembrar que o caminho não estava precisamente semeado de rosas, e es-

quecendo também que contávamos, se dela houvesse mister, com a defesa poderosa de todas as classes representativas da inteligência e da cultura espanhola, que repudiam unanimemente o espírito monárquico-imperialista que Weyler manifestava naquela ideia peregrina. A essas, que seriam as primeiras a converter as rosas em espinhos, somos também nós os primeiros a abrir, espontânea e reconhecida, todos os caminhos da nossa Terra.



O velho «General verdugo» saindo do Palácio Real, de uma das muitas vezes em que ele foi chamado para aconselhar sobre casos graves da política

A sua posição ante a Ditadura de Primo de Rivera foi altamente significativa. Militar de alma e coração, e de alma e coração substancialmente militares, não admitia que o exército abandonasse os quartéis para intervir em política. Foi um dos inimigos mais acérrimos com que teve de contar o Ditador, chegando mesmo a estar comprometido no célebre *complot* da noite de S. João de 1926, do qual havia de sair um movimento para derrubar a Ditadura.

Com a morte do general Weyler perde o Exército Espanhol uma das suas figuras mais relevantes e pitorescas.

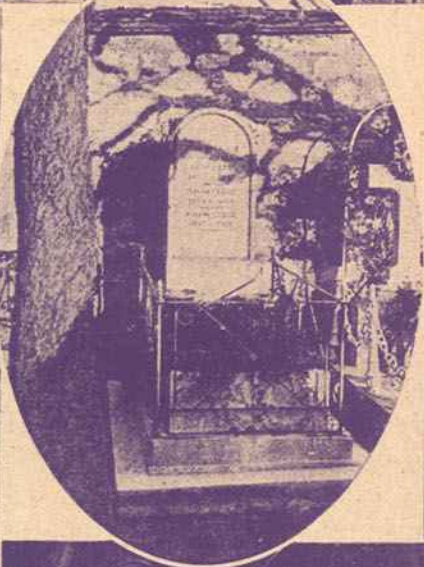
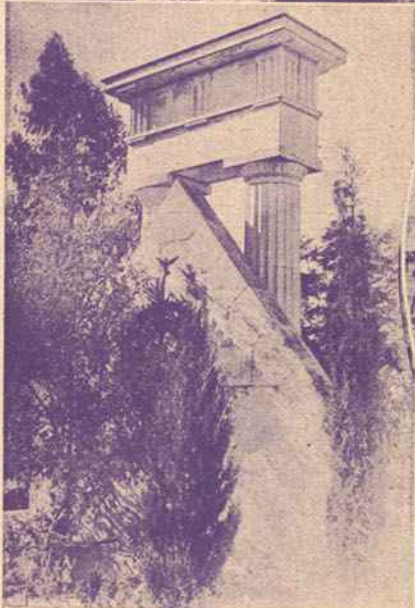
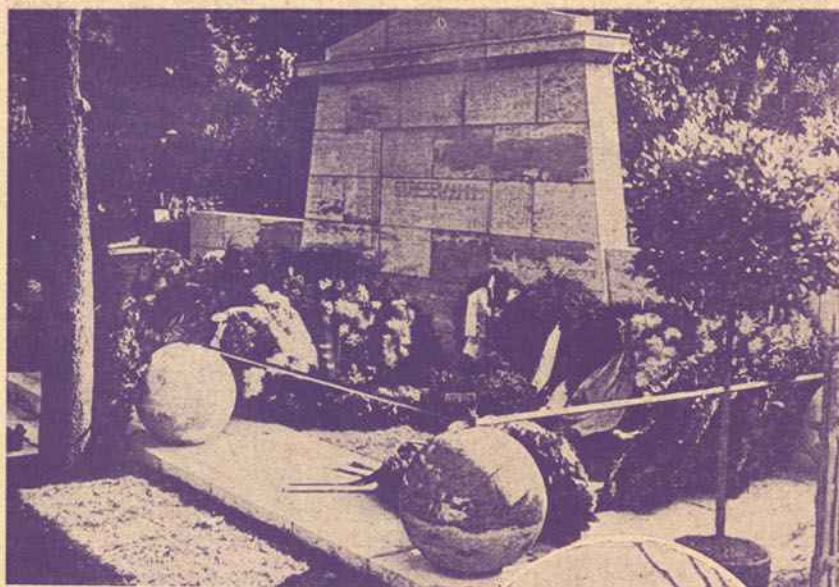
Madrid, Outubro de 1930.

NOVAIS TRINHEIRA.

O CULTO DOS MORTOS

grandeza e magestade; os corpos das vítimas da catástrofe do dirigível «R-101», repousando sob as arcarias solenes da Abadia de Westminster, em Londres.

(Fotos Orrios, especiais para «Ilustração»)



O sagrado culto dos mortos, remoto na história das civilizações, assume, na época que atravessamos, um definido tipo monumental. A pedra trabalhada substitui-se ao rito religioso. E fica o monumento erecto e gelado como a própria morte, a marcar, talvez, o esquecimento eterno, que não a eterna saúde dos que seguem ainda nesta vida febril e avassaladora. Reproduzimos alguns dos mais curiosos monumentos funerários da Europa.

Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

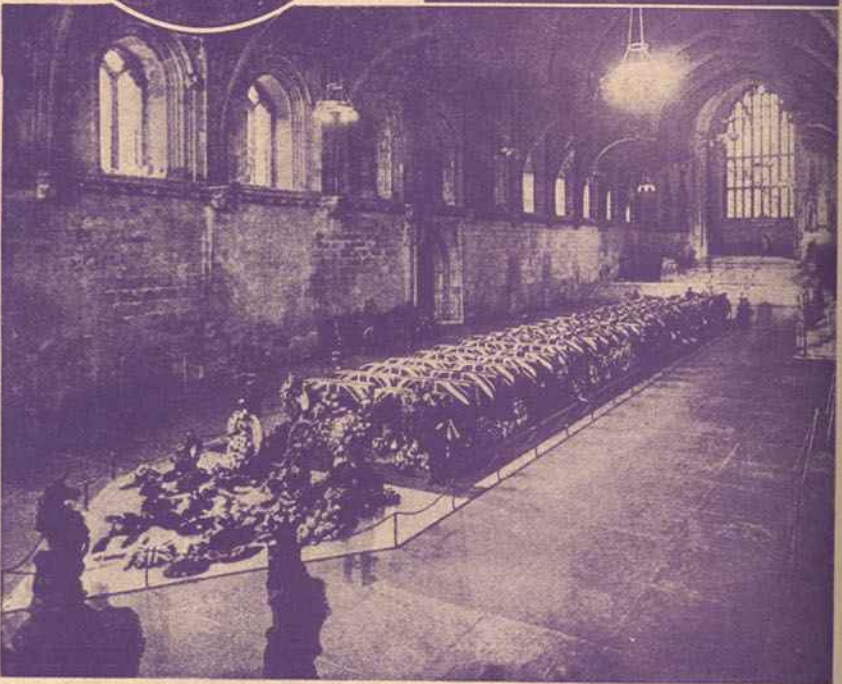
— A tumba de Stresseman, o paladino da paz europeia, juncada ainda de flores amigas.

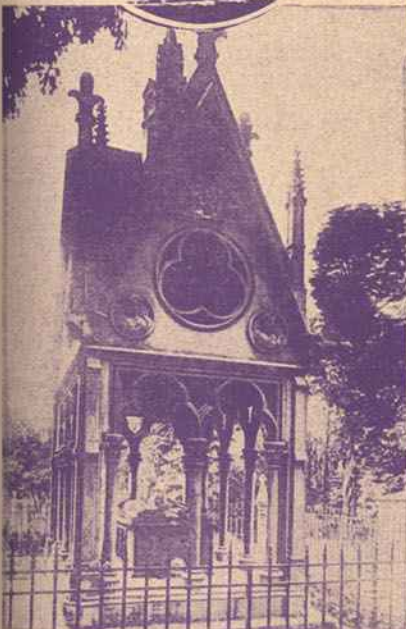
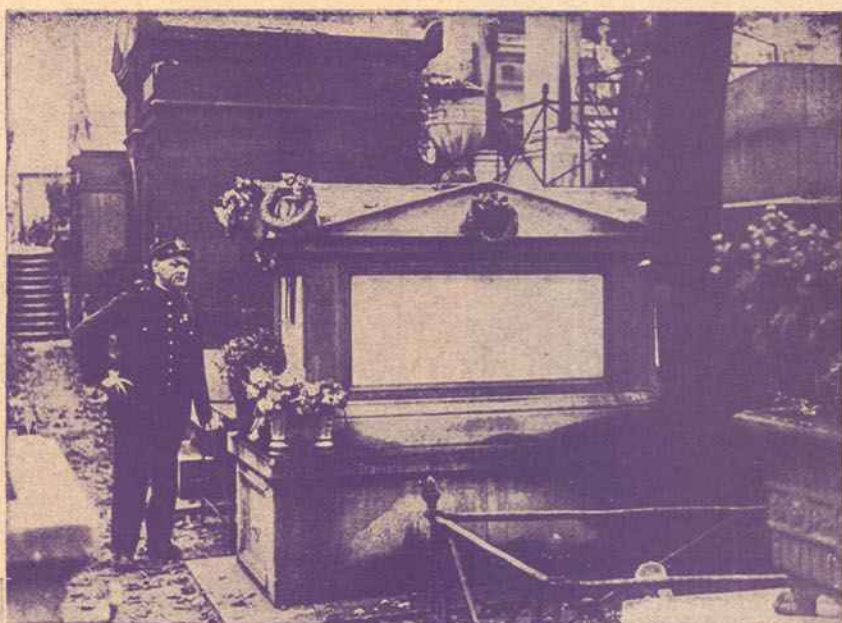
— O monumento mortuário ao grande republicano Nicolás Salmerón, presidente que foi da República espanhola, de arquitectura académica como a sua oratória.

— A maior simplicidade para o maior génio; o túmulo de Pierre Curie no cemitério de Sceaux, nos arredores de Paris.

— Minerva, magnífica e altaneira, pensando no silêncio da floresta bretã, comemora, para todo o sempre, a inhumação do grande Georges Clemenceau, o Tigre, que salvou a França com a sua ferocidade e honrou as letras modernas com o seu prodigioso labor literário.

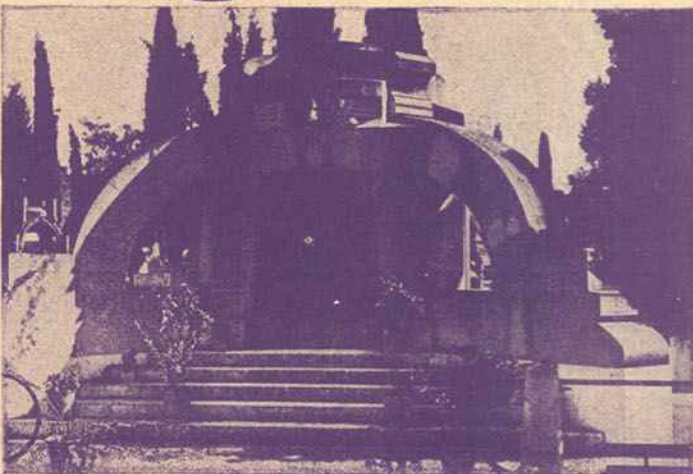
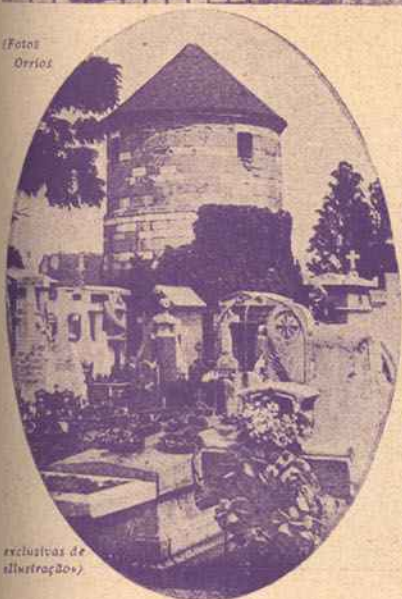
— Uma jazida provisória mas cheia de



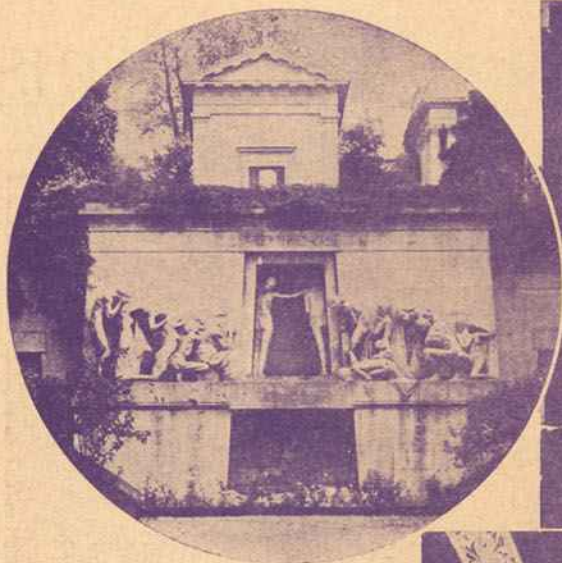


O túmulo vetusto de Goya, o genial pintor dos «Caprichos», na posse da Academia de S. Fernando. — Margarida Gauthier, a arqui-romântica «Dama das Camélias», repousa em Montmartre num túmulo que os últimos deliquescentes vão beijar. — Uma capela gótica alberga as cinzas de Heloisa e Abelardo, os amantes castos, no cemitério do Père Lachaise. — Haydn, o músico sublime, tem uma tumba bem modesta. — Henri Heine, o poeta genial, repousa também em Montmartre, na paz de Deus. — No cemitério de Montparnasse, um grande moinho alberga os corpos de muitos artistas célebres, entre eles Bourdelle. — Um mausoléu empolado e enfático encerra, em Madrid, os restos de Pi y Margall, mestre da retórica republicana

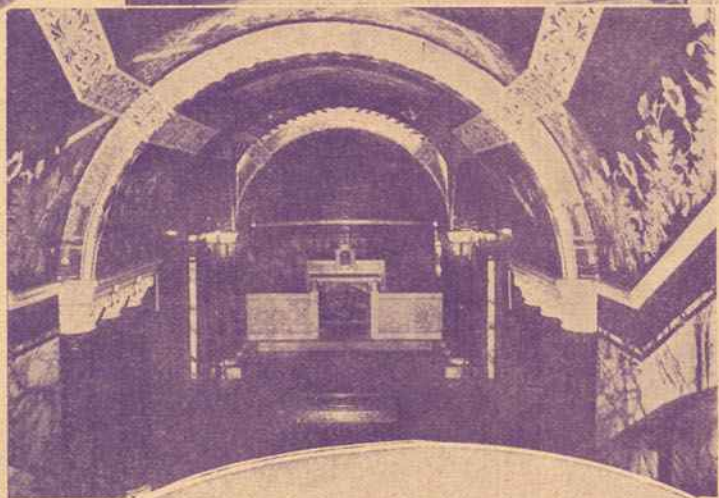
(Fotos
Orriós)



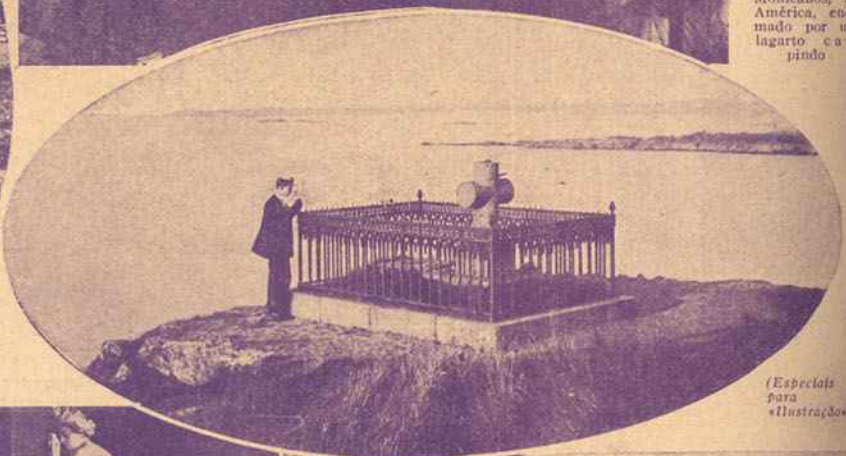
exclusivas de
ilustração»



Da esquerda para a direita e de cima para baixo — O célebre e formoso Monumento aos Mortos, de Albert Bartholomé, no «Père Lachaise». — A galeria interior reservada aos varões ilustres, no cemitério monumental de Stragliano, em Génova. — A capela severa e opulenta em que jaz Pasteur, o grande génio da ciência moderna, no Instituto que tem o seu nome. — Uma cruz isolada, em plena Terra dos Zulus, marca a salvação da rainha Vitória de Inglaterra pelo desgraçado príncipe Luís Napoleão que ali foi trucidado pelos



negros. — Chateaubriand jaz em Saint Malo, no alto da falésia, em frente ao mar imenso e encapelaado com a sua tumultuosa inspiração. — No panteão de espanhóis ilustres está o túmulo riquíssimo que Mariano Benlliure modelou para encerrar os restos de Mateo Sagasta que instituiu em Espanha o sufrágio universal e o júri. — É nada mais curioso do que este túmulo, do último chefe dos índios Mohicanos, na América, encimado por um lagarto carapindo



(Fotos Orrios).

(Espectros para «Ilustrações».)



MODAS DE PARIS



EM CIMA — UM MODÉLO GRACIOSÍSSIMO DE JERSEY EM BEIGE E AZUL ELÉCTRICO, UM TRAJÓ IDEAL DE SIMPLICIDADE E GENTILEZA PARA O LAR E PARA A DEFEZA CONTRA OS FRIOS HIBERNAIS

(Foto especial de Orrios — Madrid.)

A ESQUERDA — UM DELICIOSO PIJAMA EM SEDA ACOLCHOADA, ÚLTIMA MODA PARA A ELEGÂNCIA E ABAFO DOS PEQUENITOS. MODÉLO ALEMÃO

(Fotografado por Orrios.)

UM SUMPTUOSO MODÉLO DE BROcado VERDE E PRATA COM FIOS DE OIRO, CRIAÇÃO «KHALILA». NA CINTURA, À FRENTE, UMA PEQUENA FIVELA DE PEDRAS BRANCAS E VERDES. SAQUINHO DE LUXO NO MESMO TECIDO DO VESTIDO

(Foto especial de Luigi Diaz — Paris.)

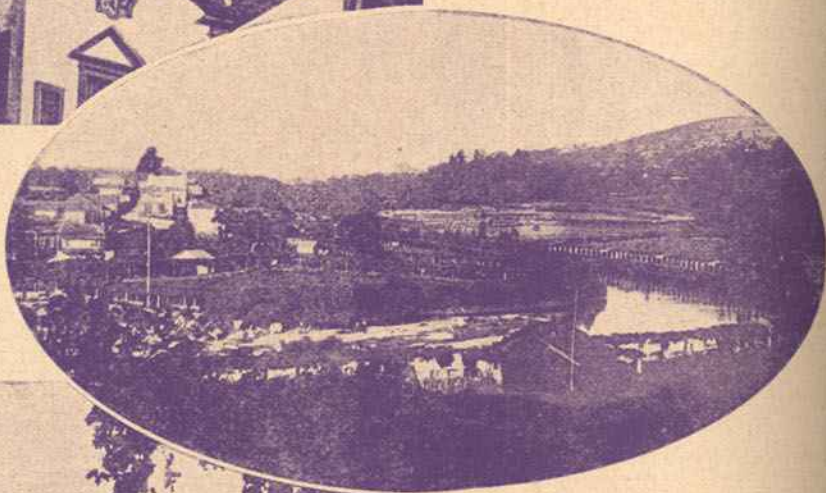
AS LINDAS TERRAS DE PORTUGAL

SANTO TIRSO



EM CIMA — Igreja e mosteiro do conde de S. Bento

NA OVAL, à direita — Aspecto das vinhas e terrenos da Escola Agrícola Conde de S. Bento. — Margens do rio Ave

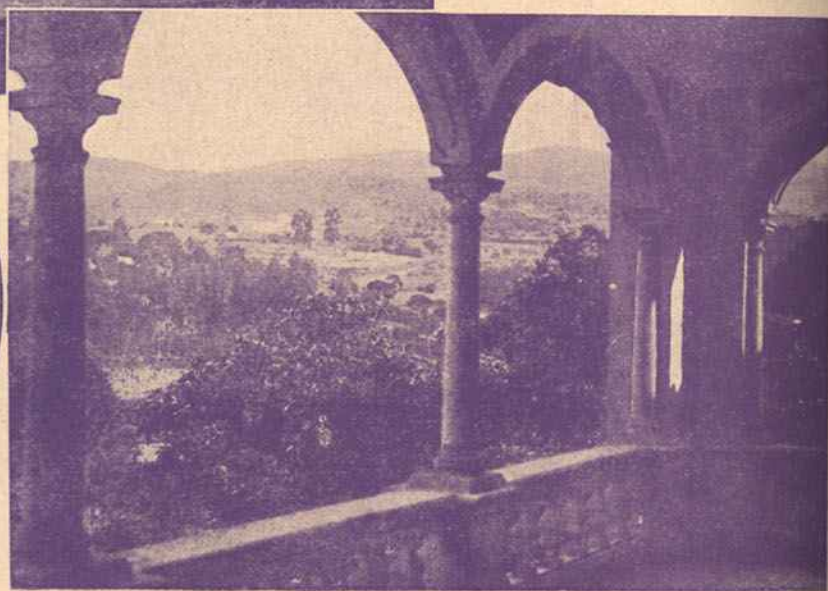


À ESQUERDA — A igreja matriz. Numa dependência funciona o Tribunal, estando também instalado o posto da G. N. R.

NA OVAL, à esquerda — Uma porta artística da Escola Agrícola Conde de S. Bento

EM BAIXO — Vista das margens do Ave tirada do claustro da Escola Agrícola

(Fotografias de Carlos Silva Pereira)



ALGUNS SALÕES LITERÁRIOS EM FRANÇA NOS SÉCULOS XVII E XVIII

(CONCLUSÃO)

SUMÁRIO

- A VIDA DE SOCIEDADE E O SEU SIGNIFICADO PSICOLÓGICO.
- A FRANÇA E A ARTE DE CONVERSAR.
- OUTRAS CAUSAS DE FLORESCIMENTO DOS SALÕES LITERÁRIOS.
- A ETIQUETA.
- «HOTEL DE RAMBOUILLET», SÁBADOS DE M.^{lle} SCUDÉRY, SALÃO DE M.^{me} SABLÉ.
- CARACTERÍSTICAS DOS SÉCULOS XVII E XVIII EM FRANÇA.
- SALÕES DA MARQUESA DU DEFFAN E O SEU AMOR SERÓDIO POR WALPOLE.
- DUAS MULHERES REPRESENTATIVAS.
- M.^{lle} DE LESPINASSE, O SEU SALÃO, O SEU CARÁCTER, A SUA VEEMÊNCIA PASSIONAL. — JÚLIA DE LESPINASSE E A FREIRA DE BEJA.
- A REALIZA DA MODA.
- SALÃO DE M.^{me} DE GEOFFRIN OU «LE ROYAUME DE LA RUE SAINT-HONORÉ». — SUA ORGANIZAÇÃO, SUA IMPORTÂNCIA, SUA CELEBRIDADE.
- A REVOLUÇÃO FRANCESA E A DECADÊNCIA DOS SALÕES LITERÁRIOS.

Foi em seguida a êsse rompimento que resolveu abrir um novo salão literário, modesto na instalação e na mobília, e pobre no serviço de ceias — «où l'on donnait à digérer», segundo um dito da própria Lespinasse — mas que, apesar disso, teve um êxito rápido

e brilhante. Passados meses, o modesto salão enchia-se tôdas as noites duma escolhida e numerosa clientela: — homens de côrte, homens de letras, homens de armas, dignatários eclesiásticos, grandes damas, todo o inumerável exército da «Enciclopédia», desde os chefes de fila até aos corpos auxiliares e aos atiradores isolados. Todos trocavam com prazer os mais ricos palácios pelas reuniões em casa de M.^{lle} Julie, esquecendo, na animação das conversas, as ceias, os bailes, a ópera, as capitosas atrações da alta sociedade.

Uma das causas dêste inesperado e difícil triunfo, era a presença constante de D'Alembert, então uma das figuras de maior prestígio da França e da Europa, mas que a posteridade reduziu a mais modestas proporções. Ele era o patrono oficial do novo salão e o amigo mais íntimo de Mademoiselle, e daí a rapidez da vitória. Porque a realza intelectual da Mulher no século XVIII não era incompatível com a direcção dum filósofo, de uma espécie de guia espiritual laico, que fornecesse as decisões e os juízos acerca dos homens e das obras e sobre tôdas as questões que se apresentavam.

Essas funções, que D'Alembert exerciu em casa de M.^{lle} Lespinasse, teve-as Fontenelle em casa de Geoffrin, Grimm em casa de M.^{me} d'Épinay, Diderot em casa do barão d'Holbach. Mas se o ilustre matemático e escritor atraía os convivas, pertencia à sua encantadora amiga o mérito de os conservar e de os tornar mais assíduos.

Não sendo bela, era enorme o seu poder de

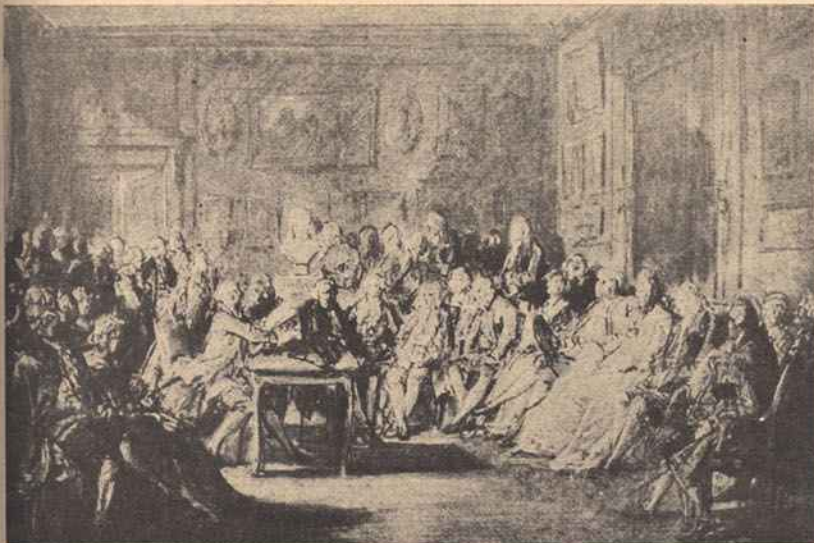


MATTIER — Retrato de M.^{me} Geoffrin

sedução, que provinha, antes de tudo, dêsse dom maravilhoso, reconhecido por todos os contemporâneos que com ela privaram, de se renovar constantemente, de estar presente a todos e a cada um, de fazer incidir sobre todos os objectos a viva claridade da sua inteligência, sem procurar fazer espírito, procurando ao contrário fazer valer o dos outros. A sua conversa, disse alguém (Gilbert) que muito na intimidade a conheceu, não estava nunca acima nem abaixo daquelles a quem falava; parecia ter o segredo de todos os caracteres e a medida de todos os espíritos.

Além disso, era naturalmente boa e generosa e — traço que a distingue entre as suas contemporâneas — prodigiosamente sensível. Por isso os familiares do seu salão tiveram, quasi todos, por ela, grande e sincero affecto. Dizia-se que M.^{me} Geoffrin era temida, M.^{me} du Deffan admirada, M.^{me} Necker respeitada, mas M.^{lle} Lespinasse era querida. «No seu salão se redigiam, a mais das vezes, as fórmulas decisivas sobre as obras e sobre os homens, que seriam no dia seguinte a opinião de Paris.»

Era do mais alto interesse estabelecer com vagar o confronto entre a Marquesa du Deffan e M.^{lle} Julie, sua sobrinha, sobre o ponto de vista da sensibilidade; não só por se tratar de duas mulheres de grande distincção e tipo bem caracterizado, mas mais ainda porque simbolizam, até certo ponto, duas épocas, duas formas de espírito diferentes e opostas. A Marquesa era bem do seu tempo, que ela representa duma maneira brilhante; dêsse tempo fictício, artificial e sêco, em que a in-



FRANÇOIS BOUCHER — Uma leitura no Salão de M.^{me} Geoffrin



Racine

diferença do coração estava na moda, sendo de mau gosto mostrar-se uma pessoa emocionada. Professoro sempre uma maligna antipatia por tudo o que fosse sentimento, entusiasmo, paixão, coisas consideradas por ela afectações, e ela dizia ter horror por tudo o que era afectado. Primava em mostrar indiferença e security mesmo diante dos mais belos espectáculos da Natureza, e o seu espirito vivissimo, mas implacável e frio, não poupava o ardor nem o entusiasmo, fôsse qual fôsse o aspecto sob que se manifestassem. Esti attitude, que parece ser da maior affectação, só devia sê-lo em parte, pois a força da educação e do hábito quasi a tinham tornado dum perfeito natural. Nisso devia ser um produto e uma vítima da atmosfera em que viveu. Chamfort refere esta frase dum contemporâneo: «A raridade dum sentimento verdadeiro é tão grande que, quando volto de Versailles, paro algumas vezes na rua a vêr um cão roer um osso». O bom-tom tinha regulado tudo, e o exagêro da etiqueta acabara por matar a verdadeira espontaneidade, e por secar ou sufocar as almas, à força de as comprimir. A ternura profunda e a paixão eram consideradas ridículas, mas «era elegante brincar, jogar com o amor, tratar uma mulher como uma boneca mecânica, tocar nela a mola sensível, e depois com outra, provocando à vontade o enternecimento ou a cólera». E de igual forma, defendendo ou atacando, as mulheres tratavam os homens. Assim foi M.^{me} du Deffan.

A sua vida chegou a causar escândalo, pelas suas muitas aventuras amorosas, numa época que não pode classificar-se de severa, e em que uma só ligação extra-conjugal, mantida com fidelidade, era considerado como perfeitamente regular e de excelente moral. No dia em que perdeu o seu mais velho e constante amigo (o amante a que foi mais fiel e que por mais tempo conservou), tendo ido ceiar em numerosa companhia, exprime-se assim: «Hilas! Il est mort ce soir à six heures; sans cela vous ne me verriez pas ici».

— «Era tempo, enfim, que o fogo do céu

caísse e fizesse arder tôda essa palha sêca para renovar a terra», comenta de passagem Saint-Beuve, enervado por tanto artificialismo. A Natureza vingava-se de ter sido tanto tempo contrariada e espinhada, o que explica as revoluções e os cataclismos nas sociedades que, depois de atingirem a sua maturidade e apogeu, não sabem manter as suas energias nem podem evitar o apodrecimento. É uma lei implacável que rege tanto a vida dos homens e dos povos como a das plantas. — Também a Natureza se vingou de M.^{me} du Deffan, obrigando-a a desmentir-se e a prestar-lhe vassalagem. A ela, que tanto ridicularizara sempre a paixão e o sentimento, mandou-lhe, quando já velha e cega, pôsto que muito viva e espirituosa ainda, uma paixão serôdia, mas arrebatada e louca, por um elegante e precioso inglês, Horácio Walpole, homem novo ainda, dispendo de grande fortuna, scéptico como a Marquesa, e artificial e egoista como ela.

O pobre Walpole, que professava as mesmas opiniões da Marquesa quanto aos fortes sentimentos, e que além disso temia o ridiculo, teve grandes dificuldades em lhe fazer ouvir a voz da razão, e lá a foi consolando o melhor que pôde, com bastante paciência e simpatia. Ficou desses amores uma correspondência interessantíssima, a que Maurois dedicou um curioso ensaio, pois devo acrescentar que a espirituosa Marquesa foi uma admirável epistolografa.

A história amorosa de Júlia de Lespinasse é completamente diversa, cheia de veemência e humanidade profunda, e exala uma simpatia bem mais viva. Não é agora occasião de contá-la, porque o espaço mo não permite. Mas aconselho aos leitores que ainda a não conhecem um excelente livro do Marquês de Ségur — «Julie de Lespinasse» — onde esse drama pungente é narrado com grandes pormenores, livro que contém abundante informação acêrea da época e dos salões literários, e que foi uma das fontes que muito me serviram neste trabalho. Não deixarei, no entanto, de acrescentar algumas palavras sobre a grande amorosa.

A melhor forma de caracterizá-la será chamar-lhe uma irmã de Sôror Mariana, da nossa Freira de Beja, nascida em França e educada na atmosfera cultíssima, refinada e anti-católica do Paris de Voltaire e de Rousseau.

Não sou eu o primeiro a notar este parentesco, que illustres críticos franceses lhe atribuíram já, com a freira portuguesa, autora das cartas a Chamilly, que constituem um dos mais extraordinários documentos passionais de tôdas as literaturas, antigas e modernas.

As cartas amorosas da francesa, se bem que mais literárias, estão também nêsse numero, e a sua leitura é dum enorme interesse, quer pelo drama intenso que nos dá a conhecer, quer ainda pelos valiosos elementos que fornece para o estudo dos costumes e da cultura do tempo.

Um contemporâneo que foi dos seus intimos, Marmontel, sintetizou assim, nesta frase impressiva, mas algo hiperbólica, o carácter de M.^{me} Lespinasse: «A cabeça mais viva, a alma mais ardente e a imaginação mais inflamável que existiu depois de Sapho». O mais curioso é que esta passional febril e violenta era, sempre que se não tratava de amor, ou só do amor dos outros se tratava, uma mulher dum finíssimo tacto e

dum admirável bom-senso. Era também fundamentalmente séria e honesta, ao contrário da ligeira e diabólica Marquesa, sua tia.

Não podia deixar de ser assim: só nas almas sérias e capazes dos maiores devotamentos podem nascer essas grandes paixões.

Como não quero alongar-me, vou transcrever duas ou três frases das suas cartas, mais feitas, algumas vezes, de gritos que de palavras, como ela própria diz:

— «Ah! mon ami, que j'ai mal à l'âme! je lu, j'ai relu, je lirai cent fois votre lettre. Ah! mou ami, que de biens et de maïs réunis! quel plaisir mêlé à la plus cruel amertume!»

E na mesma carta: — «Mou ami, nous faisons du poison du seul bien que soit dans la nature, du seul bien que les hommes n'out pu gater ni corrompre. Tout le mond est apprécié et paigé par l'argent; la considération, le bonheur, l'amitié, la vertu même, tout cela est acheté, payé, fugé au poids de l'or; il n'y a qu'une seul chose qui soit au-dessus de l'opinion, qui soit restir sans tache comme soleil, et qui en ait le chaleur, qui vivifie l'âme, qui l'éclaire, qui la soutient, qui la rend plus forte, plus grande. Ah! mou ami, ai-je hesoin de nommer ce présent de la nature? Mais quand il ne fait pas le bonheur de l'âme qu'il remplit, il faut mourir.»

Este estilo caloroso, esta emoção, esta maneira de compreender e de sentir a vida, são já de outra atmosfera, diferente daquela em que viveu a du Deffan. O hiper-sensível Jean Jacques tinha aparecido nas letras francesas prégando o amor, a simplicidade, o regresso à Natureza, e dentro em pouco a ternura a paisagem, o bucolismo, e a paixão ardente também, deixaram de ser ridículos, passaram a ser de bom tom. É verdade que o caso de M.^{me} Lespinasse não é produto da moda nem da imitação; era aquele o seu temperamento, a sua atmosfera, e parece que a da primeira metade do século XVIII não era propicia aos grandes amores.

Agora então tudo vão ser pastorais e ternuras bucólicas, na vida, na literatura (o Paulo e Virginia e muitos livros semelhantes, embora menos sinceros, obtêm um êxito colossal), e na pintura com os Boucher e os Greuze, mais ou menos açucarados e convencionais.

Mesmo nos suntuosos parques de Versailles, mais arquitectura que natureza, Maria Antonieta quer também o seu recanto de



Corneille



La Fontaine

parque natural e livre, onde as árvores possam crescer à vontade, fóra dos rígidos canones de Le Notre; e mais do que isso, quer também um «Hameau», para de quando em vez se imaginar simples camponeza ou pastora!

Que poderosa rainha, a Moda!

Não posso deixar de referir-me, para terminar, ao salão de M.^{me} Geoffrin — «Le royaume de la rue Saint-Honoré» — pois foi de todos, senão o de mais apurado gosto, pelo menos o mais completo, o melhor organizado, o que mais longe fêz sentir a sua influência, tendo assumido a importância de uma das instituições do século. — M.^{me} Geoffrin era de boa burguesia, e casou muito nova com um burguês possuidor de grande fortuna, da qual ela soube fazer, desenvolvendo uma prodigiosa habilidade e um tacto diplomático tão fino como o dum cardeal romano (a comparação é de Sainte-Beuve), o instrumento da fabulosa consideração e fama que depois veio a adquirir. Nem menos era preciso para fundar um salão que marca como uma era na história da civilização amável e da sociedade polida, e para manter à sua volta, durante trinta anos, os mais belos e os maiores nomes do tempo, assegurando sempre o entendimento entre eles e evitando os choques «do amor próprio mais susceptível que existe: o dos grandes senhores e dos grandes autores» — (E. e J. Goucourt). Essa arte de dirigir um salão aprendeu-a ela na escola de M.^{me} Tencin, que tinha recebido no seu Fontenelle, Montesquieu, e outros homens notáveis; mas soube dar-lhe depois muito maior amplitude, e tornar-se ela própria uma espécie de grande ministro da sociedade.

Recebia não só um avultado número de homens de letras, mas também de artistas plásticos, pintores e escultores, pondo-os em contacto uns com os outros e com homens de sociedade. Havia por semana dois jantares de fundação. Um, às segundas-feiras, para os artistas, onde se viam, entre muitos outros, Boucher e Latour, alguns distintos amadores e protectores das artes, e alguns literatos, como Marmontel, a fim de alimentar a conversa e estabelecer a ligação entre eles. As quartas-feiras era o jantar dos homens de letras, freqüentado por D'Alembert, Marivaux, Marmontel, Grimm,

d'Holbach, etc., etc., etc. Uma só mulher era admitida a esses jantares, além da própria Geoffrin, — M.^{me} de Lespinas: e, por quem ela tinha muita simpatia e a quem mesmo proteceu; simpatia que provinha, em boa parte, do grande antagonismo que existia entre ela e M.^{me} du Deffan, tia e agora inimiga da sua protegida. M.^{me} Geoffrin tinha notado que muitas mulheres num jantar distraíam os convivas e dispersavam a conversa; além disso, preferia ela ficar o centro e manter a unidade. Mas à noite a casa de M.^{me} Geoffrin continuava aberta, e a *soirée* terminava por uma ceia, na companhia de cinco ou seis amigos íntimos e, agora, de algumas mulheres, a flor da alta sociedade. Nenhum estrangeiro de distinção passava por Paris que não aspirasse a ser admitido em casa de M.^{me} Geoffrin. Os príncipes entravam lá como simples particulares, e a Europa encontrava-se lá representada por homens como o historiador inglês Hume, o embaixador e escritor italiano Galiani, personagem de espírito facetado, muito vivo e muito alegre, o diplomata inglês Horácio Walpole, e muitos outros.

Ela preside e vigia toda essa numerosa clientela, e com uma só palavra faz parar as conversas que se lançam em terrenos arriscados, ou chama os mais exaltados ao tom conveniente.

M.^{me} Geoffrin não era de génio viajero; passou toda a sua vida em Paris, e nada conhecia de outros países e até mesmo do resto da França. Só uma vez se abalçou, já em idade madura, a uma longa viagem pelo Norte da Europa, através das côrtes da Alemanha, até Varsóvia. Mas essa viagem triunfal vai dar-nos ensejo para ajuizarmos da extensão da sua celebridade e também «do domínio do génio da França sobre a Europa, da sua vitória pacífica e magnífica».

A leitura de algumas cartas suas podia permitir-nos assistir de perto aos seus triunfos.

Farei apenas duas citações que dizem tudo.

De Viena escreve: «Desde o dia seguinte



MONSTIER — Marquesa de Sablé



Molière

ao da minha chegada, mal os meus aposentos foram abertos, que logo se encontraram cheios de criados e de pagens para me cumprimentarem, saberem notícias minhas e convidarem-me para jantar, e às onze horas os embaixadores de tólas as côrtes e tólas as senhoras que eu recebi em minha casa há muitos anos, e de quem quasi me não lembrava, vieram ver-me com expressões de reconhecimento e sentimentos que me confundiram».

Mais adiante, na mesma carta: «Enfim, julgó sonhar. Sou aqui mais conhecida do que na rua Saint-Honoré, e da maneira mais lisongeira, e a minha viagem faz aqui, há quinze dias, um ruído inacreditável».

Esta viagem foi feita a pedido do rei da Polónia, que a esperava de braços abertos.

Antes de ser rei tinha passado pelo seu salão e chamava-lhe «sua mãe»; e ainda agora, do alto do trono, continua a tratá-la por «mamã». E são imperatrizes, príncipes, à sua volta, cortejando-a como uma rainha muito poderosa e muito respeitada.

— Quais os outros traços de carácter de M.^{me} Geoffrin, além da sua diplomacia e do seu tacto social? Sainte-Beuve pinta-no-la afectiva e muito generosa, e de espírito não vasto nem brilhante, mas cheio de justeza e de finura que descia aos menores detalhes. O retrato que dela fizeram os irmãos Goucourt é diferente, sobretudo no que se refere à generosidade e às qualidades affectivas. Eis como elles a julgam: «O coração desta mulher não é senão «savoir-vivre», sem espírito senão economia, a sua própria amabilidade é mais um tacto do que um encanto (charme)». E espantava-os muito que uma mulher chegasse, só com tais predicados, a conquistar uma celebridade europeia e a exercer uma tão extraordinária influência.

É provável que elles exagerem um pouco a mediania de qualidades da sua retratada, com quem os contemporâneos foram, ao que parece, bastante mais benévolos. Mas, admitindo mesmo que o seu retrato seja exacto, devemos convir que, para o papel que desempenhou, M.^{me} Geoffrin possuía em alto grau as qualidades primaciaes requeridas: diplomacia e tacto admiráveis, e uma grande fortuna.

O talento e a superioridade intelectual dispensava-os (talvez mesmo a tivessem prejudicado); tinham-nos por ela os homens ilustres de quem se rodeava, e alguns dos quais subsidiou.



Francisco IV de La Rochefocauld, gravura de Petit

A grande Revolução que eles ajudaram a preparar, veio no fim do século com todos os seus excessos e violências, encerrar essa era, mais que tódas brilhante, dos salões literários em França. Lá se tinham ido elaborando, com efeito, no seio dessas sociedades tão cultivadas, elegantes e ociosas, — com uma ousadia de lógica que nenhuma consideração de ordem prática detinham ou faziam recuar — essas tão prometedoras e atraentes ideologias que, difundindo-se e fermentando depois entre a burguezia, haviam de servir a essa classe áctiva e forte, rude e ambiciosa, para operar uma transformação social profunda em França e, a seu exemplo, em tódá a Europa.

Os nobres enfraqueciam-se e desarmavam, absorvidos pela sua existência fictícia e teatral, perdendo cada vez mais o contacto com as realidades práticas, enquanto a classe média se robustecia e ganhava novas forças para a luta. O grande erro e a morte da nobreza em França, e noutros países, foi ter deixado de servir, alheando-se tão completamente da administração pública e das actividades económicas da nação. Mas, se quisermos ser justos, não devemos atribuir-lhe a ela tódá a culpa, mas também à maneira como os acontecimentos se encadearam, engrandecendo desmesuradamente o poder real, e reduzindo assim os nobres ao papel de cortezãos. O contrário aconteceu, por exemplo, em Inglaterra, e por isso a nobreza conservou ali a sua força e continuou a cumprir a sua missão tradicional.

Competem a uma aristocracia constituída em classe funções directivas e de protecção, que ela não pode abandonar, sob pena de desaparecer. Cabe-lhe também o papel de urbanizar os costumes, dando o exemplo do bom gosto, da cortezia delicada e da elegância de maneiras; mas esta função tem de andar sempre ligada às outras duas, de utilidade mais imediata, pois quando assim não acontece essa aristocracia deixa vago o seu lugar no organismo social e estiola, além

disso, as energias combativas de que necessita para sua defesa.

Mas eu não desejo, neste momento, embrenhar-me na filosofia da história, nem me proponho recordar as causas da Revolução Francesa ou aventurar-me na avaliação dos seus resultados. É um assunto melindroso que ainda apasiona demasiado os ânimos e, além disso, cai já fora do tema deste ensaio.

Desejo apenas frizar que as doutrinas inspiradoras da Revolução foi nos salões que tiveram os seus primeiros adeptos, tendo conquistado a nobreza antes de se espalharem na burguezia letrada e de descerem às massas.

«Em Março de 1789, nas vésperas da Revolução, todo o clero e quasi tódá a nobreza renunciaram espontaneamente aos seus privilégios em matéria de impostos. O sacrificio é votado por aclamação». (Taine).

Os nobres esperavam sem nenhum receio, e até com ansiedade, o advento da era da filosofia e da razão, que viria libertar os homens da barbarie e dos preconceitos.

«Julgavam entrar (é um nobre do tempo que o refere nas suas «Memórias») numa espécie de idade de ouro de que os séculos precedentes não lhes davam nenhuma ideia».

«Cada um julgava marchar para a perfeição, sem se embaraçar com os obstáculos nem os temer. Sentiamo-nos orgulhosos de sermos franceses e franceses do século XVIII. Nunca um despertar mais terrível foi precedido por um sono mais doce e por sonhos mais sedutores».

O que foi esse despertar, e como alguns desses filósofos filhos da Enciclopédia vieram a acabar na guilhotina e nas prisões (assim: Condorcet, que se envenena no cárcere; Chamfort, que se suicida para fugir às perseguições; Bailly e Malesherbes, que morrem no cadafalso, etc., etc., etc.); e como muitíssimos desses nobres e dessas damas que, pelo seu espirito ou a sua beleza, contribuíram para a animação e o encanto dos salões, tiveram o mesmo destino, já o conhece o leitor.

Alguém disse que elas «afinavam os colos para a guilhotina»; feliz imagem que se ajusta bem a tantas dessas delicadas flores de estufa que foram decapitadas pela Revolução.

Assim durante alguns anos desapareceram de Paris os salões literários. Se alguns houve ainda, de princípio, como o de M.^{me} Roland — admirável heroína que a sinceridade e a larga generosidade das suas convicções fizeram mártir — tiveram um carácter acentuadamente político, e o terror acabou por suprimi-los. A atmosfera não lhes era propícia.

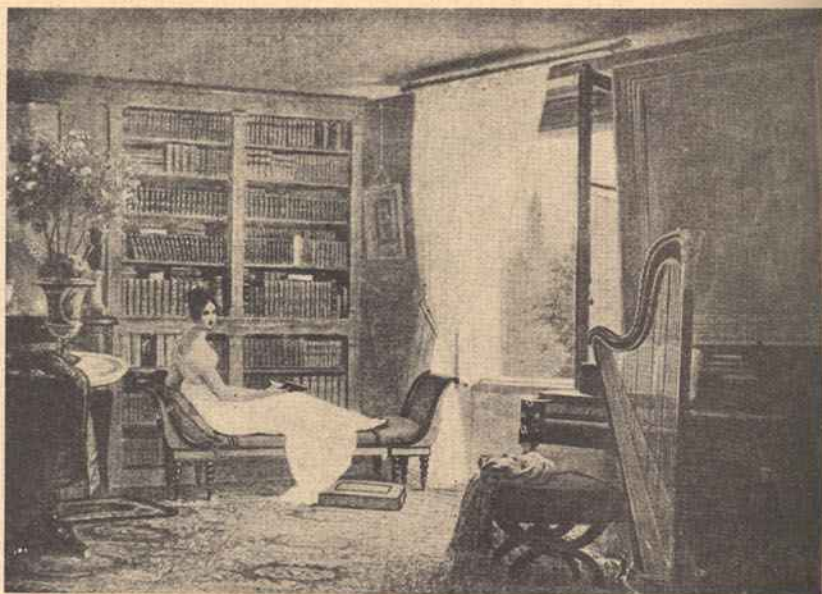
Mas logo que a ordem começa a restabelecer-se, após um tão longo pesadello sangrento, os salões surgem de novo, e com eles a realza feminina. Ainda antes do consulado de Bonaparte, a filha de Necker, M.^{me} Staël, reabria o seu na rua de Grenelle; e por esse mesmo tempo, M.^{me} Récamier começava também a formar à sua volta um círculo literário que se tornou célebre e a que ficou ligado o nome de Chateaubriand.

Mas nunca mais, até hoje, voltou a haver em França salões cujo prestígio igualasse o de M.^{me} Geoffrin, nem talvez outra época em que a Literatura e a Arte exercessem um tão acentuado domínio sobre a sociedade polida e sobre a Mulher.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

NOTA — Na primeira parte deste ensaio, inserta no último número da nossa revista, além de outras pequenas incorrecções fáceis de emendar pelo leitor, saiu atribuída a François Villon uma quadra de Perrault, e a este a última estância duma balada que áquello pertence. O leitor não terá mais do que inverter a ordem das duas primeiras estâncias citadas, pondo a segunda no lugar da primeira, para que fiquem certas e correspondendo ao que vai dito no texto. — F. M.

(Máscaras de Tagarro)



DEJUNNE — M.^{me} Recamier, na Abadie-aux-Bois



Figura excelsa das letras mexicanas, Amado Nervo é um dos maiores poetas da língua espanhola nos modernos tempos. Morto prematuramente, no final da segunda década do presente século, quando ainda não tinha cinquenta anos, deixou, contudo, uma obra consistente e duradoura que impõe o seu nome de artista às gerações futuras. Talento de múltiplas facetas, tendo cultivado o romance, o ensaio e a crônica com notável perfeição, foi, no entanto, na poesia onde as suas faculdades de escritor se afirmaram com singular vigor e inextinguível beleza. Diplomata distinto, que se notabilizou pela sua ponderação e fino tacto, veio-o surpreender a morte quando desempenhava o cargo de ministro plenipotenciário do seu país em Espanha. Entre os seus livros mais notáveis, contam-se: *El domador de Almas*, *El sexto sentido* (romances), *Almas que pasan*, *Ellos*, *Mis filosofías* (contos, ensaios e crônicas), *Perlas negras*, *Místicas*, *Los jardines interiores*, *Poemas*, *Lira heroica*, *En voz baja*, *Serenidad*, *Un libro para ella* (poesias).

Há doenças sobremancira estranhas e terríveis.

Uma delas é a do sono, de que tanto se falou ultimamente, e que se propaga pela picada duma mosca de África, chamada «tsé-tsé», que inocula rapidamente a *trypanosomiase*.

Ainda não há muito tempo que à França foi levado um grupo de negros atacados dêsse mal. Morreram todos. Jaziam num letargo profundo, do qual apenas saíam momentaneamente.

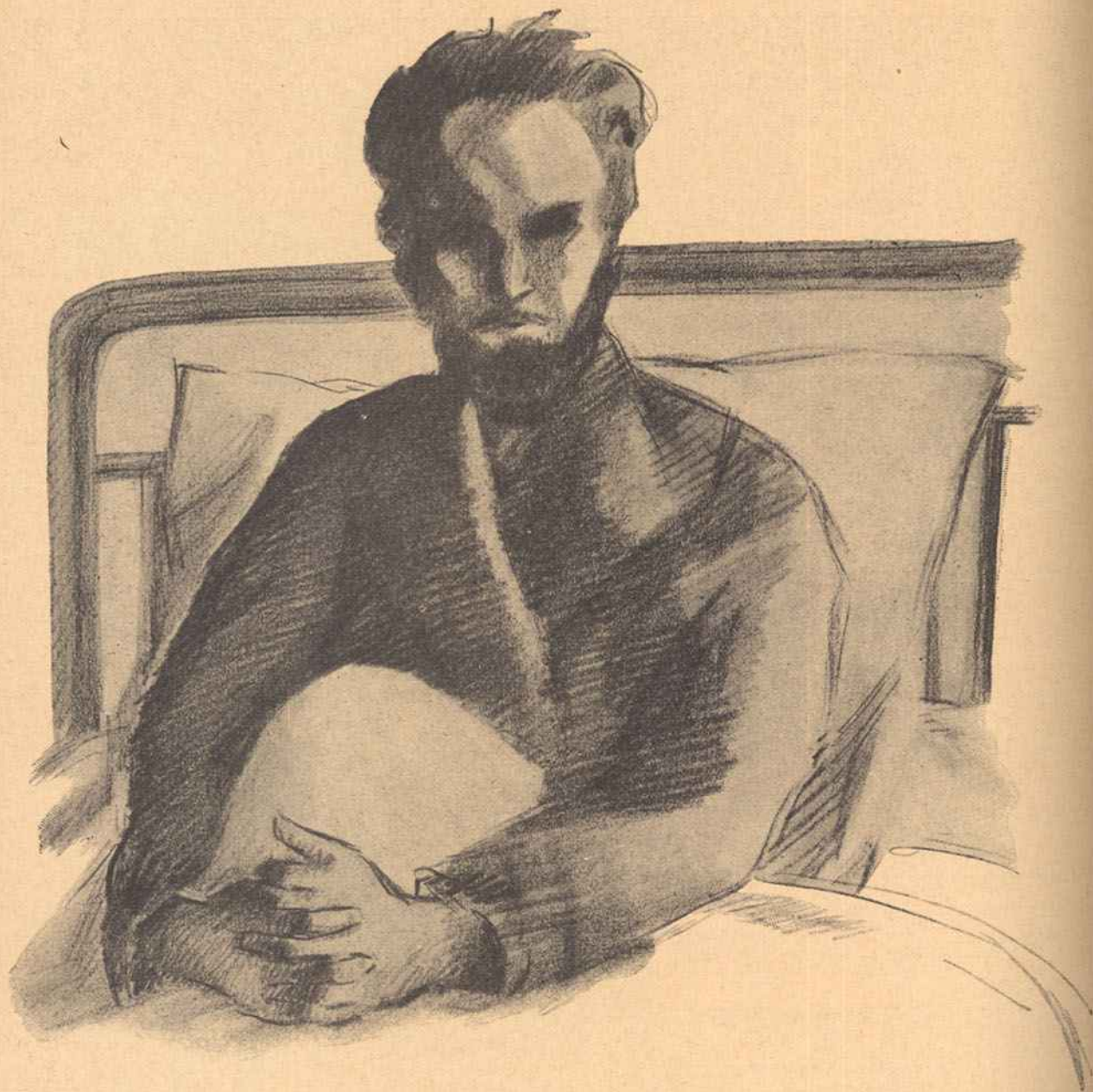
Um dos atacados, mal despertava, punha-se a cantar certa canção monótona e melancólica, quasi sem palavras, como se quizesse acalantar o seu próprio sono, o seu sono fatal, para além do qual estava a morte.

Confesso que tal doença, pese à sua estranheza e às impressões que deve produzir a quem observar o seu curso, não me assusta

nada. A natureza, que decerto deu a vida como madrastra, deu depois o sono como mãe.

• • •
Mais terrível ainda que esta enfermidade é a que se chama «ossificação dos músculos»,





originada pela abundância de oxido de cálcio no organismo.

Inicia-se lentamente, lentamente avança... até ossificar-nos em vida, até converter-nos, por assim dizer, em pedra. O cérebro e o coração resistem aos seus efeitos. Já os pés, as pernas, os braços, os próprios intestinos, estão mais ou menos ossificados, e ainda o coração e o cérebro continuam latindo dentro daquela estátua, que vê, que ouve, que assiste a tudo!

Esta estranha doença não é dolorosa. Na Alemanha, um homem atacado por ela, esteve no leito dum hospital muitos meses antes de morrer.

Inúmeras pessoas acudiam a ver tão peregrino caso. Ele, sempre de excelente humor, conversava com todas.

Era uma espécie de escultura do Comendador do Tenorio; mas não trágica, antes afável e até engenhosa.

Em certa ocasião, aquele padecente disse a uma princesa que o visitava :

— Aqui me tem erigindo a minha própria estátua em vida.

Ao iniciar-se-lhe a ossificação do coração, morreu; todo ãle era já rígido e estava como petrificado, menos a boca. A estátua sorria... sorriu até ao último instante. Não lhe doía

nada, é claro. Cada um dos membros tinha adquirido a insensibilidade e a perdurabilidade do mármore!

*
* *

Esta doença é, no entanto, inocente se se comparar com outra que vou descrever: os cabelos, em virtude de certos vícios da nutrição, de não sei que assimilações espantosas, vão-se inchando e encarnando, até que ficam como fibras de nervos e de carne, como apêndices tentaculares.

A cabeça converte-se-vois então numa cabeça de medusa, e cada cabelo, se o cortais ou se lhe dais sequer um pequenino puxão, sangra e doi-vos horrivelmente.

Os gregos, que afinal não fantasiaram tanto como se crê, limitando-se a fazer dos seus mitos simples representações de seres, forças e coisas existentes, sabendo desta doença, imaginaram a sua Gorgona castigada por Minerva.

As cobras que se retorciam iradas na cabeça de Medusa, e que deixavam o inimigo petrificado de espanto, não era senão o exagêro dum facto real.

Mas eu soube e sonhei com uma enfermidade mais terrível que qualquer das descritas.

Imaginar um homem a quem lhe doi o pensar, em quem cada pensamento, cada cerebração produz uma tortura física!

Os meus minguados conhecimentos não me deixariam descrever-vos êste mal; a minha patologia é bastante rudimentar. Mas, enfim, suponde que há no cérebro dêste homem uma irritabilidade estranha, e que mercê dela, cada célula sofre ao «elaborar» o pensamento. Digo «elaborar», não porque eu seja um materialista precisamente, mas porque não encontro um verbo mais adequado. O cérebro, para mim, é um instrumento de tudo aquilo que de misterioso e quási divino há dentro de nós; mas aqui, no caso que analizamos, êste instrumento peca de tal hiperestesia, que cada pensamento, ao produzir-se, «pica» como uma alfinetada.

Se o paciente fôsse um moço de corda, um politiqureiro militante ou um «distinto sportsman», claro está que a doença não teria importância de maior. Havendo, em qualquer dêstes casos, rara oportunidade para pensar, as dôres que êles sofressem não valeria a pena tomá-las em consideração.

Mas aqui dá-se absolutamente o contrário: o homem a quem nos referimos pensa muito, pensa com excesso, e foi em virtude desta freqüência e desta intensidade do pensamento que nele se desenvolveu esta doença.

Assim como por muito olhar se irrita a

pupila até se fazer insuportável a menor luz, assim a êste homem, por muito pensar, começou-lhe a doer a substância encefálica.

Vive num grito, num incessante e angustioso grito...

Os médicos narcotizam-no a fim de que durma sem cessar; mas mal desperta, ainda que seja por breves momentos, começa a lamentar-se.

Cada pensamento arranca-lhe um ai!; brota cada ideia como «brota o espinho da planta», segundo a expressão do poeta.

Antes de que a inaudita doença chegara ao actual período agudo, o nosso homem, o nosso Martir, melhor dito, sentia só, ao pensar, um vago e confuso incômodo; mas certa

ocasião beben imoderadamente café, e a actividade cerebral que tal bebida lhe produziu foi intolerável. Teve insónias, e, durante elas, o seu horrível tormento arrancava-lhe alaridos.

...Agora dorme, aniquilado pelos anestésicos; mas mal se infiltra no seu cérebro um raiozinho de pensamento, ouve-se um gemido, um gemido de lástima que confrange a alma...

Existe esta doença? Sonhei-a ou senti-a?
Quem sabe!





Passatempo

LABIRINTO DA CATEDRAL DE CHARTRES



■ ■

PARA OUTRO AS HONRAS

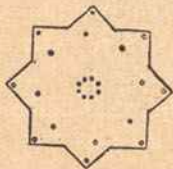
— Bem, Albertinho, tens de repartir o bólo, generosamente, com teu irmão José.
 — O que quer dizer generosamente, mamã?
 — Quer dizer que deves dar-lhe o bocado maior.
 — Nêsse caso, mamã, antes queria que fôsse o José que o repartisse generosamente.

■ ■

O CANTEIRO DE FLORES

(Problema)

O desenho representa um canteiro de jardim em que as plantas estão indicadas por pontos. O jardineiro tinha de dividir êsse



canteiro em oito mais pequenos, todos do mesmo tamanho e feito, e de modo que, em cada um ficassem três plantas.
 Como se desempenhou êle dêsse serviço?

■ ■

Barbeiro falador (indo cobrir com espuma o rosto do freguez): — V. Ex.^a pode conservar a bôca fechada por um instante?
O freguez (cansado de o ouvir): — Posso... e o senhor?

■ ■

— Papá, porque foi que casou com a mamã?
 — Ah! Já tu também te admiras como eu?

VISITA DE AMIGAS

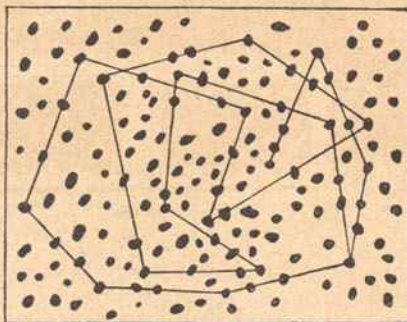
— Minha querida, venho despedir-me de ti. Estou contentíssima.
 — Então o que foi que te sucedeu?
 — Bem sabes o enorme desejo que eu tinha de ir a Paris. Pois, olha, a sorte favoreceu-me. Meu marido foi mordido por um cão danado e partimos esta noite mesmo para França para êle se tratar no Instituto Pasteur.

■ ■

O DINHEIRO ESCONDIDO

(Solução)

No ângulo inferior direito da planta vê-se a árvore de que se deve partir para traçar



a linha perdida, a qual, depois de catorze inflexões, torna a passar pela mesma árvore e continúa até terminar cêrca do centro.

■ ■

— Dize-me cá, Manuel — perguntou o professor — se estivessem onze carneiros num campo, e seis dêles saltassem dêsse campo para fora, quantos lá ficavam?
 — Nenhum — respondeu o Manuel.
 — Ora essa! então não ficavam?
 — Não, sr. professor, não ficava nenhum — insistiu o pequeno. O senhor pode conhecer muita aritmética mas não conhece carneiros.

■ ■

Um caso muito sabido no tempo de Montaigne é o dum homem a quem propunham, estando já na escada da força, um casamento para salvar a vida, como era de lei. O criminoso desce, examina a noiva e, vendo que ela é côxa, grita:
 — Enforcem-me depressa!

■ ■

Zangam-se dois deputados.
 Diz um:
 — Finalmente V. Ex.^a é um deputado de tal ordem, que nunca abriu a bôca na Câmara.
 O outro — Tôdas as vezes que o senhor fala não faço outra coisa.

FILOSOFIA DA VIDA

Entrou o chefe do pessoal no gabinete de um ministro, homem de poucas palavras e de bastante espírito.
 Tratava-se de prover uma vaga para a qual havia 15 pretendentes, e tornava-se difícil a adjudicação.
 — Não há voltas que se lhe dêm — dizia o chefe do pessoal — por mais que V. Ex.^a pense, só poderá fazer feliz um dos quinze.
 — Um feliz? — voltou o ministro. — Diga o senhor, antes, que vou fazer catorze infelizes e um ingrato!

■ ■

1.º marinheiro: — Já sabes do caso do nosso camarada Aleixo?
2.º marinheiro: — Não. O que foi que lhe aconteceu?
1.º marinheiro: — Ora, morreu afogado.
2.º marinheiro: — O quê! O Aleixo morreu afogado?
1.º marinheiro: — Morreu, sim.
2.º marinheiro: — Olha! e tinha lá o meu canivete!

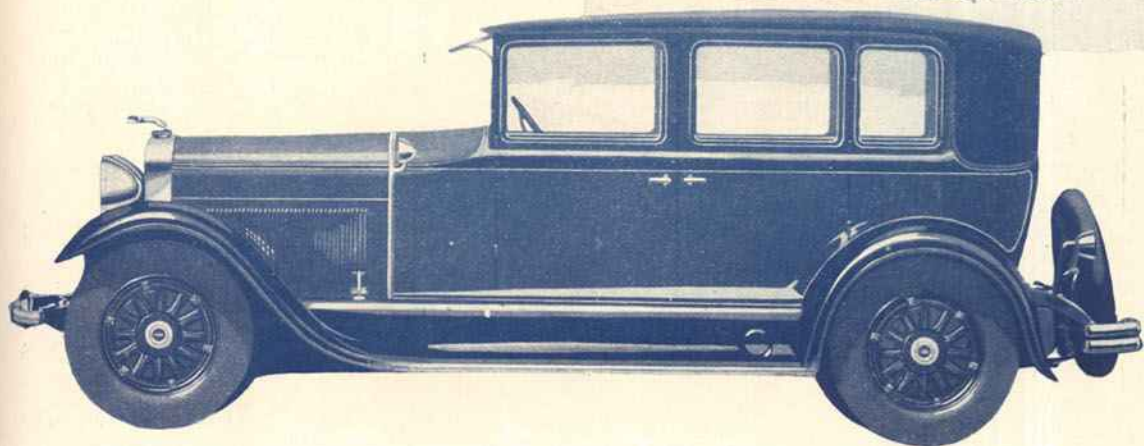
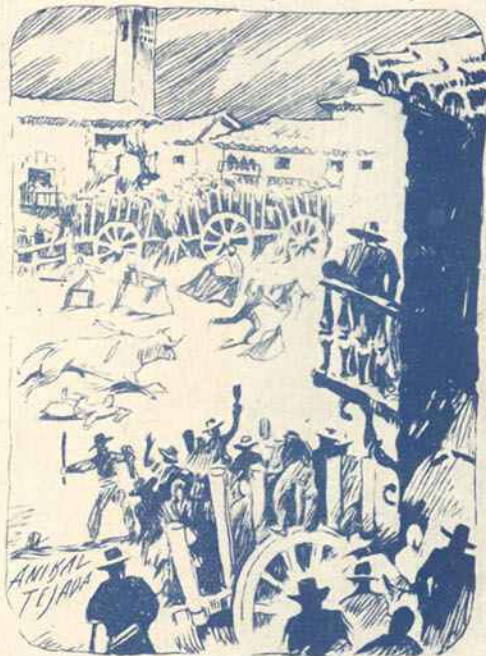
■ ■



SE FÔSSE SÓ ISSO!

— Ai, desculpa, Casimiro, sou capaz de te ter feito morder a língua; desculpa, homem!

ESTAMPAS ESPAÑOLAS



Touros numa aldeia espanhola. O carro-veículo de agora e de sempre—faz as vezes de bancadas.

Acre sabor típico, assombro e regosijo dos turistas.

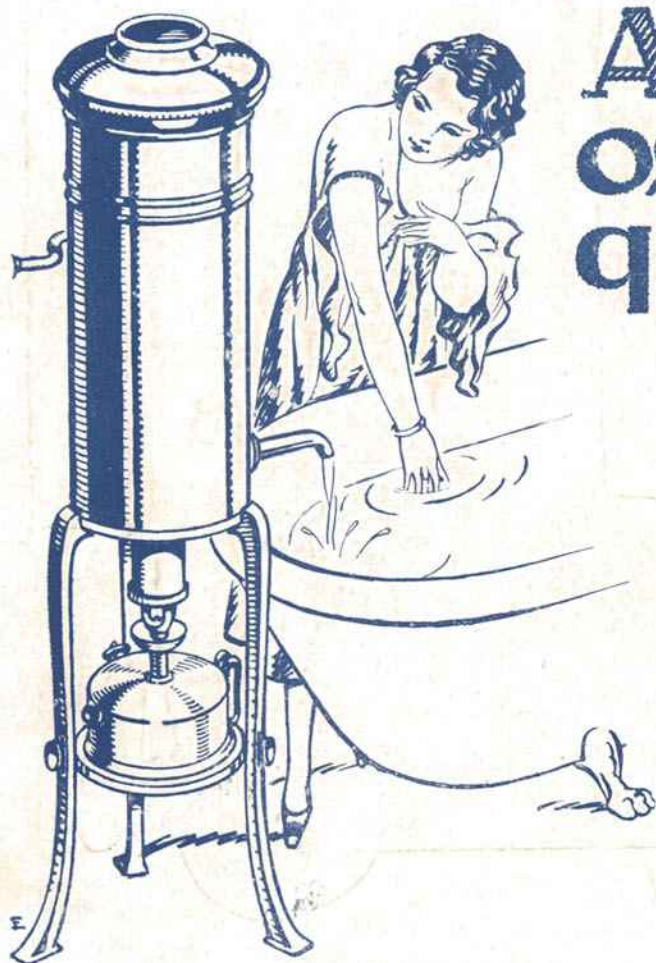
LINCOLN, suprema manifestação de cosmopolitanismo, é o carro dos turistas e viajantes de gosto apurado e grande posição social.

Ford Motor Iberica
BARCELONA

LINCOLN

LINCOLN  FORDSON

Foi-se o calor!



Apetecem os banhos quentes!

O ESQUENTADOR VACUUM prepara rapidamente um banho com um dispendio minimo de petroleo "SUNFLOWER".

Embeleza qualquer casa de banho; é simples de manejar e funciona em toda a parte onde basta que haja água corrente.

ESQUENTADOR VACUUM



768

VACUUM OIL COMPANY

R. da Horta Sêca, 17—Telef. 2 0031—Rocio, 67—Telef. 2 0043